pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

Hermes e Pimandro

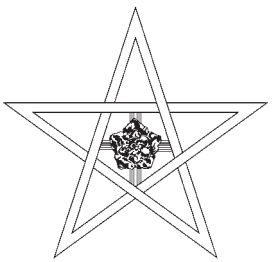
Platão: o mito de Er
sobre a vida após a morte

Pó de estrelas

O que é fazer o bem?

Aquário, um "melhor eu" e os
planetas dos mistérios

JUNHO 2009 | NÚMERO 3



Editor responsável
A. H. v. d. Brul

Redação final
P. Huis

Imagens
I. W. v. d. Brul, G. P. Olsthoom

Design
Capa: Dick Letema
Interior: Ivar Hamelink

Redação
C. Bode, A. Gerrits, H. P. Knevel, G. P. Olsthom,
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I. W. v. d. Brul

Secretaria
C. Bode, G. Uljée

Endereço da Redação
Pentagram
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
info@rozekruispers.com

Edição Brasileira
Editora Lectorium Rosicrucianum

Administração, assinaturas e vendas
Tel: (011) 4016-1817
Fax: (011) 4016-5638
www.editoralrc.com.br

Responsável pela Edição Brasileira
M. D. Eddé de Oliveira

Revisão final
M. R. de Matos Moraes

Tradutores e revisores
A. S. Abdalla, S. P. Cachemaille,
M. H. Figueiredo, J. Jesus, R. Dias de Luz,
F. M. da Silva Luz, M. Pedroza, M. Sader,
U. B. Schmit, M. V. Mesquita de Sousa,
C.H.Vasconcelos.

Diagramação, capa e interior
D. B. Santos Neves

Lectorium Rosicrucianum

Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.lectoriumrosicrucianum.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal
Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.
O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade.O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.
A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

Ano 31 número 3 2009

Os escritos herméticos conhecidos datam geralmente dos primeiros dois séculos de nossa era. Hoje, porém, acredita-se que o *Corpus Hermeticum* de "Thot, o três vezes grande" ou Hermes, baseia-se em conhecimentos de milhares de anos. Cada vez mais, para surpresa dos cientistas, o antigo Egito revela ter tido um grande sistema de iniciação, mediante o qual milhares e milhares de pessoas ligaram-se à verdadeira vida!

No decorrer dos séculos o sistema religioso egípcio tornou-se exterior e perdeu sua conexão interior. Mas alguns círculos e grupos herméticos permaneceram ligados com a pura tradição, que foi transmitida e encontrou finalmente sua manifestação no *Corpus Hermeticum,* um texto iniciático incomparável.

O significado profundo da Gnose egípcia é explicado por Jan van Rijckenborgh. Ele desvela seus textos e os coloca na vida do século vinte e um. Em muitas conferências, ele explicou a seus alunos esse conhecimento original que consegue dar à vida humana uma nova direção. Nesta edição, iniciamos um estudo baseado em seus comentários contidos nos quatro tomos da obra *A Gnosis original egípcia e seu chamado no eterno presente.* As ilustrações que acompanham esse artigo provêm do museu arqueológico do Cairo. Para os que podem ver, elas exprimem a ligação com o divino que irradia neste mundo quando o ser humano permite que a verdadeira alma-espírito desperte.

sumário

o caduceu nos templos da Rosacruz Áurea **2**
o *Corpus Hermeticum:* Pimandro e Hermes **4**
pó de estrelas **14**
Aquário, um "eu" melhor e os planetas dos mistérios **18**
despertar da consciência ou: o que é o bem? **28**
Platão – o mito de Er – sobre a vida após a morte **32**

Capa:
Mesmo sem os olhos de cristal de rocha que possuía, essa cabeça feminina de obsidiana de cerca de 4.000 anos irradia tranqüilidade, amor e profundo conhecimento.

o caduceu nos templos da rosacruz áurea

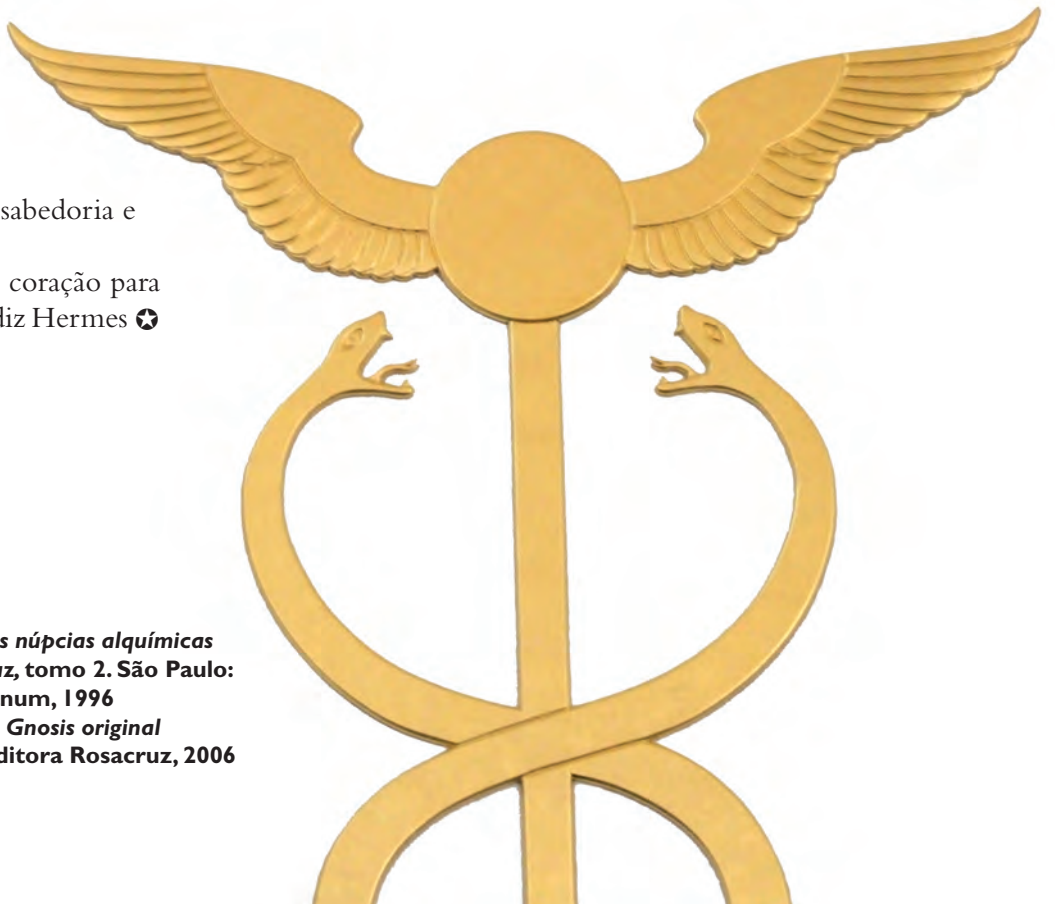
Segundo a mitologia, Hermes, ou Mercúrio, é o mensageiro dos deuses, seu símbolo, o caduceu, é uma alegoria hermética profunda que, entre outras, ilustra a ligação consciente com a natureza superior.

O rápido desenvolvimento do campo de trabalho de Benin, na África, e o aniversário de 10 anos de seu Centro de Conferências "Novo Sol" possibilitaram acrescentar no templo, como segundo símbolo, o bastão de Mercúrio.
Nos templos, o caduceu simboliza a Gnose hermética, a fonte universal à qual está ligado o puro ensinamento original da Rosacruz. Isso é confirmado em *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz:* "Hermes é a fonte primordial. Quem o puder beba de mim.
Quem o quiser purifique-se em mim. Quem o ousar mergulhe em minhas profundezas. Bebei, Irmãos, e vivei![1]"
Comentários detalhados sobre o *Corpus Hermeticum* podem ser encontrados nos quatro tomos da obra *A Gnosis original egípcia e seu chamado no eterno presente,*[2] que reúnem várias alocuções proferidas por J. van Rijckenborgh em conferências. Para ele, Hermes representa a sabedoria primordial da Gnose, é o símbolo do homem celeste verdadeiro. É também considerado o mensageiro dos deuses que transmite aos homens a sabedoria universal.
O caduceu é a imagem do novo homem em quem se inflamou o fogo da nova consciência do homem celeste. Ele representa o novo fogo serpentino, a coluna da consciência do homem-alma renascido, no alto da qual se encontram as duas asas: a da nova consciência da alma vivente e a do pensamento renovado conseqüente.
A religião de Hermes também é chamada religião do pensamento: a religião do pensamento hermético que resulta da união da nova alma e do Espírito.
Os símbolos dos templos situados nos lugares consagrados dos Centros de Conferências da Rosacruz Áurea têm um significado muito profundo. Ao lado da rosa sobre a cruz há o caduceu, simbolizando que quando a rosa é colocada sobre a cruz e a rosa-do-coração abre-se à luz da Gnose ocorre o nascimento do novo homem, o homem celeste que, nas asas do Espírito, aceita o caminho da alma-espírito. Unidos, esses dois símbolos são a imagem do maravilhoso processo que ocorre no aluno. Quando as possibilidades da nova consciência nascem efetivamente nele, nasce também a verdadeira sabedoria e a compreensão comum se retira para segundo plano.
J. van Rijckenborgh declara sobre isso: "A sabedoria precisa primeiro nascer do coração, da rosa-do-coração, de Belém.
Ela atinge seu pleno desenvolvimento no santuário da cabeça e, como acontece com o amor, é irradiada junto com todo o ser".
Durante o caminhar da Escola Espiritual e do grupo de alunos, em certo momento, foram colocados nos templos de renovação o bastão de Mercúrio ao lado da rosa sobre a cruz em sinal de que, imerso na sabedoria primordial e no conhecimento imemorial, os microcosmos dos alunos estarão sempre no caminho da transfiguração que leva ao homem verdadeiro, ao homem divino. Graças à nova atitude de vida, o aluno segue o caminho da Rosacruz desde a manhã da ressurreição do homem-alma vivente, que vê despontar a aurora do sol do Espírito.
A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea não cessa de pedir a homens e mulheres que se tornem conscientes dessa renovação interior de seu ser, que leva à consciência superior, a uma compreensão sempre

Planta e fotos do Centro de Conferências "Novo Sol" em Porto Novo, Benin

maior da Gnose, da sabedoria e da luz radiante.

"Dirige agora o teu coração para a luz e conhece-a", diz Hermes ✪



1 Rijckenborgh, J. v., *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz,* tomo 2. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1996
2 Rijckenborgh, J. v., *A Gnosis original egípcia*. 2 ed. Jarinu: Editora Rosacruz, 2006

o corpus hermeticum

Na série de artigos seguintes queremos fazer a comparação entre o *Corpus Hermeticum*, essa chave dos Antigos, e o ensinamento da Jovem Fraternidade Gnóstica, o Lectorium Rosicrucianum. Se a doutrina, a vida e as diretrizes dos Antigos concordam com ele, saberemos se a Jovem Gnose, tomando a iniciativa e dando a direção do grande trabalho mundial, baseia suas diretrizes em valores reais ou em ilusões.

J. van Rijckenborgh

O *Corpus Hermeticum* compõe-se de dezoito livros. O primeiro é intitulado Pimandro. Trata-se do diálogo entre Hermes e um ser misterioso chamado Pimandro. Hermes é aqui o homem nascido da natureza que empreendeu o caminho da libertação passou pela gruta do nascimento, Belém, e então obteve a nova alma. Ele está ocupado em tecer "a veste áurea nupcial" com base nesse estado de alma, enquanto o novo estado da consciência mercuriana ou hermética começa a manifestar-se. Ora, logo que essa consciência se manifesta, Pimandro aparece; e o discípulo de Hermes entra em ligação com ele em virtude da nova manifestação do seu ser. Pimandro é a sabedoria divina onipresente. Sim, Pimandro é Deus. É a Palavra do início. Mas não é a palavra no seu sentido universal como, por exemplo, no prólogo do Evangelho de João: "No princípio era o Verbo", ou como em outros lugares na Bíblia, onde o nome de Deus freqüentemente é citado no seu sentido universal. Não, Pimandro é a sabedoria, a Palavra de Deus que se dirige a Hermes de maneira muito particular. Quando, na Bíblia, lemos que Deus fala, que Deus dirige-se a um hierofante ou a algum outro obreiro, em muitos casos não se trata do Verbo divino no sentido universal, mas do fato de que o Logos, Pimandro, volta-se para esse obreiro, esse servidor, esse discípulo de Hermes.

Completamente envolvido pelo divino, "à sombra das asas do divino", emanam do faraó, encarnação terrestre de Hórus, segurança, força e conhecimento. Imagem do faraó Quéfren, de cerca de 4.600 anos

A sabedoria onipresente é, como sabemos, uma radiação, uma vibração, uma força-luz universal, uma grande força eletromagnética particular. É a radiação mais elevada da manifestação universal, a radiação do Espírito. Quando um ser humano alcança a consciência hermética, essa radiação do Espírito, no mesmo instante, é reconhecida, sentida, experimentada por essa consciência. Então, entre esse campo universal do Espírito e o discípulo de Hermes, cria-se um foco, um ponto de encontro intenso, fortemente luminoso, o ponto, o foco onde o Espírito e a consciência se vêem olho no olho. O Espírito é Pimandro, Hermes é a consciência.

Assim estabelece-se, graças à atividade desse foco do Espírito, o "caminhar na companhia de Deus": um diálogo, uma troca viva com Deus. Portanto, logo que desenvolvemos e provamos no caminho algo do novo estado de consciência, entramos ao mesmo tempo em relação pessoal com o Divino, e ocorre uma troca, um caminhar diário com Deus. Isso não tem absolutamente nada em comum com as práticas espíritas de entidades desencarnadas da esfera refletora, que se esforçam por falsificar de forma vulgar o contato entre Deus e o homem. Vejamos claramente que todos que se dirigem à consciência natural, à consciência "eu", são sem exceção: imitação, ilusão, engano.

Quando a consciência hermética dirige-se ao Espírito e quando o fogo do Espírito assim é aceso no foco do encontro, então forma-se uma linha de força de estrutura luminosa, uma força, uma vibração salta no discípulo. Essa vibração tem um som, uma cor que se atribui ao motivo pelo qual o

A consciência mercuriana, a tríplice faculdade nova de pensar, querer e agir, só pode nascer de um coração renovado

discípulo de Hermes se eleva no campo espiritual. Assim, essa manifestação, esse encontro, adquire um caráter específico. É unicamente dessa maneira que Deus "fala-nos". Isso é encontrar e entender "o nome inexprimível". Sem dúvida lemos muitas coisas a esse respeito ou já ouvimos falar sobre isso, e aprendemos quão numerosos são os que, através dos séculos, procuraram pelo "nome inexprimível". A sabedoria dos tempos nos relata que ouvir o nome inexprimível é o apogeu de um desenvolvimento gnóstico mágico. Assim como dissemos, muito se procurou e se procura, sempre de maneira negativa, com base no "eu", alcançar esse Horebe, essa montanha da realização. Mas é evidente que esses esforços são condenados ao fracasso, e continuarão a ser enquanto a base dos esforços for o "eu". Entretanto, a chave desse apogeu mágico reside no coração de cada um. Quando se abre o coração à Gnose, começa-se a percorrer o caminho que conduz ao encontro com Deus, que leva a um encontro diário com ele. Quão pobre e privado da verdadeira compreensão revela-se o teólogo que pensa que o Verbo divino é um livro que ele, com aplicação e anseio perscruta a fim de encontrar esse Verbo de Deus, e crê que será suficiente ler esse livro, um pequeno capítulo por dia, e dele falar para ouvir a voz de Deus. No entanto, nenhum homem sacerdotal, nenhum expediente de natureza sacerdotal pode fazer-nos "andar com Deus". Para celebrar o encontro com Deus, é necessário seguir por si mesmo o caminho que leva ao próprio Pimandro.

Talvez, nessa luz, nos demos conta do perigo da meditação mal orientada. O discípulo de Hermes pode, por meio de uma meditação consciente, ascender ao campo espiritual. Quem dispõe da nova consciência pode elevar-se em suas asas até encontrar a chama do Espírito. Mas logo que, meditando, o falso discípulo, por qualquer razão que seja e apesar da excelente intenção que o anima, procura Deus para unir-se a ele, gera sempre atividades e conseqüências negativas que provocam, na maioria dos casos, ligações com as forças dialéticas, com a esfera refletora infernal. Provocar essas ligações é o objetivo dos que nos convidam e nos incentivam sem cessar a participar de meditações mediante invocações de todos os tipos. Se quisermos preservar-nos procuremos Deus não pela meditação, mas pela nossa maneira de viver. Não pronunciemos palavras eloqüentes, mas ajamos. Que o novo comportamento irradie através de nós pelos nossos atos, por uma realidade de vida convincente. Portanto, sigamos o caminho.

Quando estamos juntos em nossos templos, nossas invocações, rituais e orações não são meios que evocam uma esfera meditativa mística, mas uma sintonia com a chave vibratória acessível e admissível do corpo-vivo da Jovem Gnose que está no caminho. Queremos dizer com isso que cada invocação deve corresponder ao nosso estado de ser, à qualidade do nosso chamado no caminho, ao estado atual e vivido da nossa presença no caminho. E se não pudermos determinar por nós mesmo a atual qualidade da nossa presença no caminho, encontraremos sempre uma base segura no "Pai-nosso". Dizemos, com efeito: "O nosso pão de cada dia dá-nos hoje." Qualquer aluno encontra aí, a qualquer momento, a segurança. O pão espiritual

Base de uma coluna ornamentada com o caduceu, em Éfeso, Oriente Médio

que lhe cabe ele o receberá, certamente, se a oração partir de uma alma cheia de aspiração.
O encontro pessoal do discípulo de Hermes com o campo do Espírito é freqüentemente evocado na Bíblia. Esse encontro se traduz na expressão "ouvir a voz, a voz suave". Assim é dito de Elias que ele se encontrava numa caverna no monte Horebe: E eis que lhe veio a voz". E quando Apolônio de Tiana desejava ouvir a suave voz, ele se enrolava, como Elias "no seu manto", expressão que significa ascender para Deus, nos valores adquiridos da veste áurea nupcial.
O discípulo de Hermes entra em ligação com o campo universal do Espírito, porque seu estado interior e a mudança de sua vida pela transfiguração dão-lhe essa possibilidade. No ponto central dessa ligação nasce uma estrutura de linhas de força: Pimandro manifesta-se. Procedente do Espírito, Pimandro aparece.
Mas, atenção! Pimandro não é um ser distinto vivente no campo do Espírito; é uma chama que salta do campo do Espírito, uma realidade viva que pertence, na sua íntegra, ao campo do Espírito. Esse fogo que resplandece é efetivamente o Pimandro de Hermes. Com efeito, essa manifestação refere-se inteiramente ao estado de ser e à força qualitativa de Hermes.
Portanto, quando Hermes refletiu sobre as coisas essenciais e seu coração se elevou, Pimandro, aquele que é e, no entanto não é, apareceu. Mas quando o discípulo de Hermes não se concentra no campo do Espírito durante algum tempo, Pimandro desaparece, dissolve-se na luz onipresente. O fogo, as chamas ardentes dissipam-se. Assim, Pimandro é, e também não é, porque é absolutamente uno com a luz.
O que nos surpreende no início do texto, é que Hermes reflete sobre as coisas essenciais e seu coração se eleva. Prestemos bastante atenção a isso porque, para o discípulo de Hermes, esse processo é determinante: ele prova a colaboração ideal e indispensável da cabeça e do coração. É a colaboração da cabeça e do coração que determina a vida. Pode-se exprimir isso pelo seguinte axioma: "Cabeça e coração não são separáveis". Tais são as palavras de Pimandro. Essa é a razão pela qual é necessário aprender a conhecer o mistério do coração.
Sabemos que o homem é composto de quatro veículos: o corpo material, o corpo etérico,

o corpo de desejos (ou corpo astral) e o corpo de pensamento (ou corpo mental). O corpo etérico constrói e mantém o corpo físico, o corpo de desejos determina as tendências, o tipo, o caráter, as aptidões, resumidamente a natureza humana inteira.

Voltemos nossa atenção sobretudo para o corpo de desejos, que Paracelso chama de forma sideral. Ela nos cerca e nos penetra de todos os lados, e os líquidos siderais fluem no nosso sistema material através do fígado. Essas forças circulam continuamente, entrando e saindo do fígado.

O corpo de desejos tem, portanto o fígado como foco principal. A qualidade e a natureza das atividades do coração e o santuário da cabeça condizem com o estado e a natureza do corpo de desejos tal como o recebemos ao nascer e como foi se formando depois desse momento.

No homem nascido da natureza, o coração e a cabeça são escravos do desejo. Todas as funções do coração e as do mental são dirigidas inteiramente pelos nossos desejos. Porque como homem desta natureza, o sentir, o coração e o pensar são governados pelo santuário da bacia. No plano de nosso ser natural, integralmente ligado à matéria e centrado nela, vivemos pela bacia e pelo sistema fígado-baço, desejando e pensando tudo o que compete à natureza comum. Todas as radiações siderais entram no fígado em concordância com a atividade do nosso corpo de desejos.

Se um homem, após ter vagueado sem fim no penoso caminho das experiências, chega ao ponto morto no plano da vida natural, é possível que deseje uma renovação, que aspire a uma saída libertadora e que nele se desenvolva o desejo de salvação. Pode ocorrer também que um impulso o leve a apreender e realizar nele mesmo algum meio de salvação a fim de elevar-se para fora do poço da

O vaso Heb-Sed, de alabastro, tem 4.850 anos. A figura ajoelhada com mãos elevadas ao céu, símbolo da eternidade, religa o faraó com as alegrias eternas do campo de vida divino

deterioração. Esse anseio por uma renovação, essa aspiração por salvação, apoiado em uma consciência crescente, é a forma de desejo mais elevada que o homem nascido da natureza é capaz. Ele não pode ir mais além. O que se agita e borbulha em seu coração, como ser natural, é unicamente o desejo. E o desejo mais elevado, qualitativamente, é o desejo de salvação: o limite das radiações astrais dialéticas. Ora, é quando se chegou a esse limite que a Gnose nos toca, não no fígado, mas o coração.

O primeiro contato, o contato fundamental com a Gnose, tem sempre lugar no santuário do coração, mas unicamente em resposta ao desejo de salvação. Se alguém se aproxima dos templos de uma escola espiritual gnóstica, por simples curiosidade ou de maneira meramente experimental, não tirará dela nenhum benefício. Não é possível permanecer com sucesso num foco gnóstico se o coração abre-se apenas um pouco à Gnose, abertura que é então a conseqüência do estado mais elevado do desejo, o desejo de salvação.

Na Gnose, o coração é chamado de santuário do amor. Mas devido a todo tipo de influências hereditárias e cármicas que agem no homem desde o momento do seu nascimento e determinam inevitavelmente sua vida durante os anos, seu coração de homem nascido da natureza já não é, de há muito, um santuário do amor. Nele já não se encontra nenhum vestígio do amor verdadeiro. O coração do homem não é senão um antro de perversidade.

Se outrora o coração foi qualificado de "santuário do amor", é que estava pronto para manifestar uma força vital, plena de vida, uma possibilidade de vida que pode levar a justo título o nome de amor. Tudo que está abaixo dessa norma superior de amor é um estado de desejo pessoal, de egocentrismo. No início, o desejo de salvação é, também, um pedido do eu: "Estou em apuros e procuro uma solução. Procuro 'minha' salvação". É porque somos tão miseráveis numa tal situação que a Gnose toca-nos para tentar ajudar-nos com seu eterno amor. O amor como é encarado aqui, o amor digno desse nome, não é da mesma essência que a natureza dialética onde, repetimos, todo amor é um estado insignificante do desejo. O verdadeiro amor é de ordem superior; compete à verdadeira vida, à nova vida; é Espírito, é Deus. É por isso que Pimandro diz, no 17º versículo: "O Noûs é Deus o Pai." E no versículo 19: "Eleva o teu coração para a luz, e conhece-a". E "a essas palavras," continua Hermes, "olhou-me fixamente no rosto por algum tempo, de modo tão penetrante, que tremi sob seu olhar". É esta a prova de verdade: o que haverá doravante no santuário do vosso coração, desejo ou amor? Quando a luz fizer morada no santuário do coração, sua natureza cheia de desejo desaparecerá. Os desejos do eu e o instinto egocêntrico apagar-se-ão completamente. É, portanto, incontestável que o santuário do coração deve constituir a grande base para o Espírito; que é no santuário do coração que o Espírito deve residir; e que deve, portanto, preparar-se, em todos os aspectos, para esse estado superior. Lá onde está o coração", diz Pimandro, "está a vida".

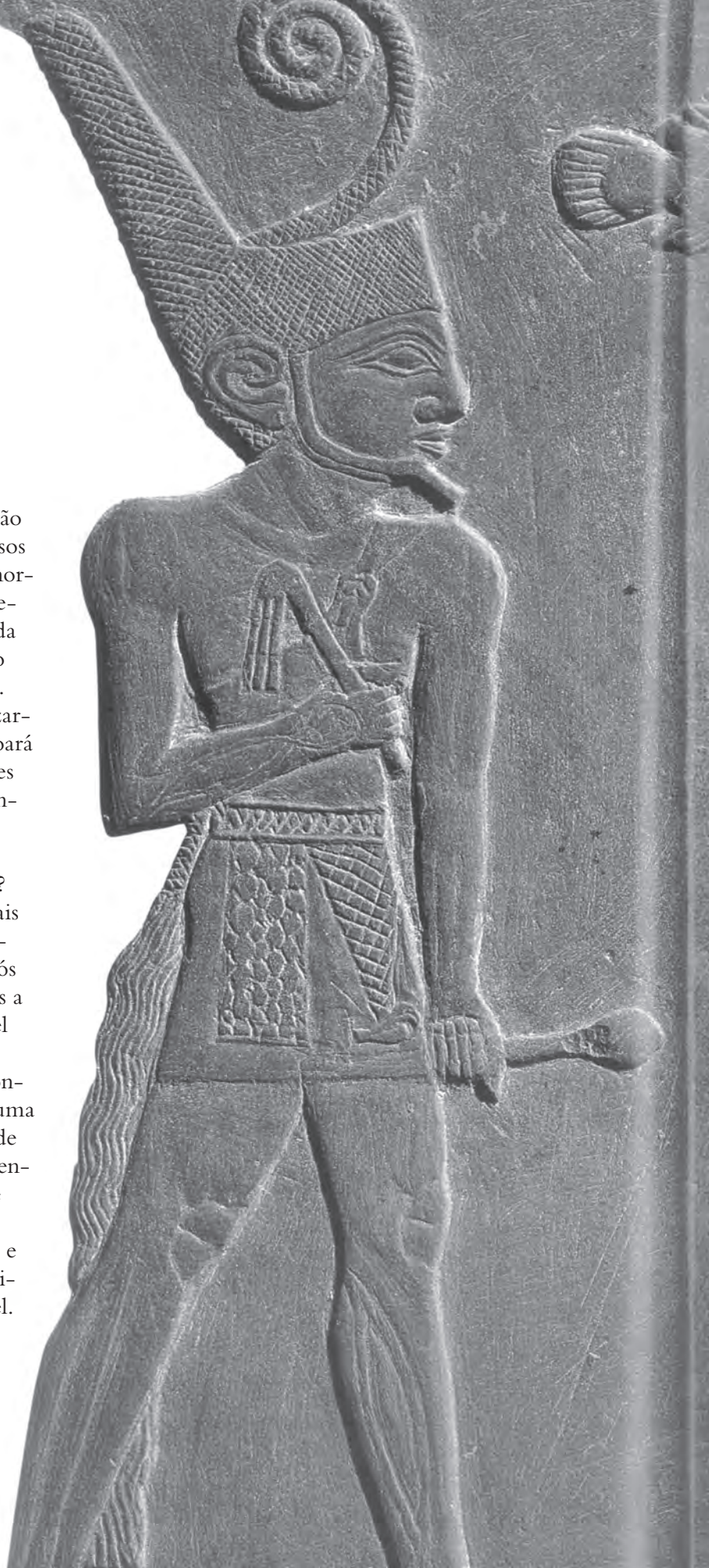
Quando essa preparação do coração terminar, veremos no Noûs, no coração, a bela forma do homem

O rei, filho de Hórus, aquele que "conhece o mundo divino". O látego e o cetro são símbolos de força e poder

original, o tipo do ser humano original, o princípio primordial antes "do início sem fim".
Mas está claro, é evidente que o homem fez de seu coração um antro de cobiças! O fogo do instinto egocêntrico ruge nele, enquanto o coração é chamado a oferecer-se como lar do Espírito, o Deus em nós, potencialmente presente no átomo original. Percebemos até que ponto estamos doentes? Até onde naufragamos de modo que o santuário do coração, o templo do Deus em nós, tornou-se tal lugar de abominação?
Quem sabe dedicar outra vez seu coração ao serviço de Deus abre, a seguir, o santuário da cabeça, a fim de cumprir sua missão sacerdotal, em verdadeiro serviço à humanidade. Então, também refletiremos sobre as coisas essenciais, porque do coração renovado nasce a consciência mercuriana.
A Gnose considera-nos pacientes, doentes, devido à condição psíquica do santuário do coração. É por isso que ela nos suporta. É por isso que é tão tolerante conosco. O triplo novo poder de pensar, querer, agir, ou seja, a consciência mercuriana, nasce apenas num coração renovado. Quando, com esse coração purificado e nele, refletimos sobre as coisas essenciais, podemos ser elevados aos campos onipresentes do Espírito.
O desenvolvimento hermético e a vida hermética são fundamentados na união e na colaboração do coração e da cabeça, não do *eu* e da cabeça, mas do *coração* purificado e da cabeça.
O mundo fracassa nessa necessidade. Vemos bem o caos e a corrupção ao redor dele; vemos bem o mundo naufragar. O eu pergunta: "Que fazer?" Então, tenta-se toda espécie de experiências que põem em uso uma energia e um dinamismo extraordinários, mas isso sem sucesso! Por quê? Porque o homem esquece-se de purificar o santuário do coração e consagrá-lo à sua tarefa. Em verdade, somente quando o santuário do coração é purificado e consagrado ele se abre à luz e uma mentalidade totalmente diferente aparece. Só assim põe-se o dedo nas feridas deste mundo, desta humanidade.
Portanto, se fomos chamados pela Gnose, conheçamos e realizemos a tarefa: purifiquemos o coração. Para abrir-nos ao grande amor, nosso coração deve ser esvaziado das paixões dos desejos e de qualquer instinto egocêntrico. Para isso, devemos impelir nosso coração, nossa emotividade, à verdadeira preparação, porque tudo deve começar por aí. Em seguida, a cabeça seguirá, sim, ela deverá seguir. Então encontraremos Pimandro.

Pimandro nasce do amor divino, não da vontade instintiva ou dos impulsos do homem que chegou ao ponto morto. O que Hermes quer dizer, sobretudo, é que a chave da Gnose, a vida verdadeira, reside na purificação do coração e em sua total consagração. Se seguirmos esse caminho e realizarmos esse trabalho, a suave voz ressoará também em nós e dirá: "Que queres ver e entender? O que desejas aprender e conhecer em teu coração?" Que queremos aprender, saber e conhecer além das coisas essenciais? Em primeiro lugar, o que há de mais essencial a conhecer se não a verdade, a realidade que diz respeito a nós mesmo? Porque se não conhecemos a nós mesmos, como nos será possível sondar o Outro?

A partir desse primeiro golpe de sondagem, o discípulo de Hermes vê uma luz potente e serena, que traz grande alegria ao coração. Mas imediatamente depois, numa parte dessa luz, ele vê descer e rodopiar, como em um abismo, névoas espantosas, sinistras e lúgubres, incessantemente em movimento, numa confusão indescritível. Chamas de um vermelho sombrio fundem-se em todas as partes.



Placa de mármore,
cerca de 3.150 antes de Cristo

Ora, desse abismo de confusão, dessas trevas sombrias, sai uma voz, um grito inarticulado, que se sintoniza com toda a luz resplandecente ao redor. Dessa luz emana uma Palavra santa. O que resta de verdade e de puro nessas trevas ascende dessa natureza escura, dessa sombria caverna, e começa a formar uma atmosfera. Assim, da natureza deteriorada, vemos, de início ascender a luz, em seguida a atmosfera sintoniza-se com a luz original. Embaixo, as trevas úmidas, formadas de terra e água, representam o estado de ser dialético do candidato, mas um candidato que purificou o santuário do coração, ou pelo menos começou a fazê-lo. Essas trevas úmidas de terra e água foram postas em movimento pelo som da Palavra que emana da luz e que existe por ela, pela Palavra voltada para a luz.

"Compreendeste essa Palavra?" pergunta o Pimandro do corpo-vivo da Gnose atual. E ele mesmo responde: "Essa luz, sou eu", e reside agora no coração do verdadeiro candidato. É Deus manifestado na carne, Osíris que retorna, Cristo que retorna.

O campo de luz do Espírito é, em primeiro lugar, Pimandro, a estrutura de linhas de força da manifestação universal. Mas, ó maravilhoso milagre, essa luz, essa luz poderosa, essa chama divina, faz sua morada no coração. É assim que a Divindade torna-se um Filho. Porque o que dormiu no coração durante éons é despertado: o Filho da Divindade manifesta-se em nós.

O Filho da Divindade possui grande poder. Pimandro chama-o a Palavra ou a Voz. É por isso que, quando Pimandro fala ao candidato, é no coração que ele se faz ouvir e testemunha; porque o coração é a morada divina em que, chegado o momento, fala o Filho da Divindade. Deus e o Filho, o campo de luz e a luz que desce, não são distintos um do outro. Da união do dois nasce a nova vida.

Paleta com a representação da força divina Hathor, que simbolizava o céu há 5.700. Entre os seus chifres, ela carrega Rá, o sol, a consciência divina. Hathor é um aspecto de Ísis formado de uma vaca, pois dela emana a criação; ela dá fertilidade e nutrição, e protege a criança e a alma

Portanto quando, após termos esvaziado nosso eu, nos tornamos dignos, "voltamos nosso coração para a luz e a conhecemos." Quando a reconhecemos, sentimos os grandiosos e maravilhosos poderes da Palavra viva em vós. Vemos e experimentamos no coração uma luz com poder incalculável, um mundo realmente infinito: a Cabeça Áurea. Vemos o fogo da ordem inferior que urra ser acometido e subjugado com força, levado ao equilíbrio sob a condução direta da Luz e da Palavra que a Luz faz ouvir em nós.

Vemos e sentimos pela força luminosa da Gnose nascida em nós, a natureza inferior absorvida pelo que chamamos de renascimento, ou transfiguração.

Isso é a Gnose original, a Gnose hermética, a verdade anunciada à humanidade desde o início. Isso é a Palavra de Pimandro.

Verificamos se essa Palavra é conforme à que a Gnose atual dirige-nos há anos, o testemunho relativo ao homem original, a forma do homem original, do homem que existia "antes do início sem fim", do homem "que era, e que é até agora" ✪

Rijckenborgh, J. v., *A Gnosis original egípcia.* 2 ed. Jarinu: Editora Rosacruz, 2006, cap. 3 e 5

pó de **estrelas**

Temos a aparência de seres humanos, entretanto nada fazemos de sábio. A civilização ocidental, se assim podemos dizer, permanece na linha horizontal. Alturas sublimes e radiantes não dominam a sociedade, que também não tem nenhuma vida interior profunda.

Passamos a existência seguindo o curso inesgotável das necessidades existenciais e de nossos desejos; há pouco espaço para o um aprofundamento do pensar, para os que buscam com a alma e o coração, para os que querem tudo abandonar, para uma vida verdadeiramente brilhante, para uma centelha de inspiração, para uma centelha do que é divino.

A própria busca espiritual deriva do curso dos desejos que determinam nossa curta vida. O que ela significa diante dos imensos períodos estelares de milhares de anos dos quais trata outro artigo desta Pentagrama?

É-nos dito que "Tu és da raça dos deuses". Eis o que professa abertamente a Rosacruz. Ela não inventou isso; os mais antigos escritos atestam: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança".

Por que não conseguimos discernir, compreender a idéia do divino? O que nos impede? Isso nos parece pouco interessante? Mas não pode ser também que não ousemos nos render à interessante alegação que afirma "somos pó e ao pó voltaremos"?

De fato, um filósofo francês explica que só pôde aceitar essa frase do Gênesis (3:19) no dia que compreendeu seu sentido. "É verdade" diz ele, "que não está especificado que esse pó é o pó de estrelas que provêm da substância primordial, e que nosso destino é retornar a essa matéria estelar".

Podemos dizer que nosso DNA provém da substância primordial e que portanto nossos genes não são apenas portadores das características terrestres herdadas de nossos antepassados.

É certo que a terra, nossos ancestrais, nossas predisposições, as características adquiridas, determinam quem somos e o que fazemos. Todas essas atribuições circulam em nós diariamente e nós as transmitimos de geração a geração.

Nosso corpo decodifica o DNA e opera a seu modo desde que existimos, pois o terrestre retorna ao terrestre.

Mas possuímos outra matriz. Na profundeza de nosso ser, o indizível começa por depositar seu próprio código, o código universal constituído de quatro caracteres mágicos do nome inefável, o *tetragrama* divino, algo que os sábios sempre souberam. Enquanto a terra e os seres humanos existirem, cada um, um dia, poderá ler esse código e ter a revelação de que as quatro letras santas do nome divino representam a possibilidade e o direito de renascer, fora desta terra, fora deste cosmo, no mundo divino.

É por isso que a idéia "pó de estrelas" inspira o verdadeiro buscador, essa matéria primordial que não é o pó terrestre, que é Consciência, Espírito, não matéria barrenta, pesada, limitada. "Somos da raça dos deuses"; o rosacruz agarra-se a essa verdade, eleva-se e encontra o caminho para sair do pântano estagnante deste mundo. Ele se aferra à busca, à compreensão, conforme exprime J. van Rijckenborgh em seus comentários da *Confessio da Fraternidade da Rosacruz (Confessio Fraternitatis 1614):*

"Nós, que procuramos os sinais dos segredos ocultos, sabemos que em todo o universo reinam sistema e ordem, que o Todo se realiza de eternidade em eternidade, segundo leis imperecíveis.

Nós, que rasgamos pouco a pouco os véus que nos

separam do inexprimível, descobrimos o plano em sua realização. Nós, que examinamos as relações entre macrocosmo e microcosmo, vemos o grandioso equilíbrio universal.

Nós, que escalamos os degraus estreitos da escada de Mercúrio, para elevar-nos, conscientemente, aos mundos invisíveis, vemos as correntes de vida dos reinos da natureza ondular no éter.

Nós, que nos aproximamos do grande silêncio, ouvimos a voz do silêncio. Nós, alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, que entramos no templo do Espírito, concebemos a glória do pensamento abstrato.

Nós, servidores do fogo, escutamos, profundamente, as fontes do poder humano. Sabemos para que o homem é chamado, por todo o sempre.

Nós, colhedores de rosas no jardim de Fohat, vemos, como em uma distorção dos sentidos, precipitar-se a evolução, de horizonte a horizonte, como um relâmpago.

Nós, que aumentamos assim nossa ciência, ampliamos nosso horizonte, fazemos crescer nossa consciência, carregamos nossas forças com energia dinâmica, vamos do assombro à admiração e passamos da profunda surpresa à adoração balbuciante; chegamos à humildade e à religião".

O período que ora se inicia oferece à humanidade a oportunidade de dar um grande salto adiante para compreender a missão da era precedente, a de Peixes: consentir finalmente na doação total de si

Estela com as leis de Hamurabi, Babilônia, cerca de 1.800 anos antes de Cristo. Seu nome significa "curador paterno"

O ser humano fará, um dia, dos dois códigos, uma gloriosa síntese, e reencontrará interiormente o homem de luz

mesmo. Isso não é difícil, basta apenas uma coisa: ajudar os homens em seu sofrimento e perplexidade a renunciar a tudo que é pesado, limitado, material, bem como a seus pequenos "eus". Dessa forma abrimos uma janela nas profundezas da consciência, o que permite encontrar o verdadeiro fundamento da Criação.

Eis o que não se deve jamais esquecer: o chamado para compreender de que matéria somos formados: "Somos da raça dos deuses". Isso é um mistério. Mas esse mistério não espera ser elucidado no amanhã, pois a era de Aquário já está em curso; é um mistério do qual podemos nos aproximar aqui e agora. Quem desempenha essa tarefa, iniciando-a imediatamente, descobre que dispõe de novas qualidades: propriedades que não são outras senão as da luz, incrivelmente vastas, enquanto diante dele se estende o caminho original. Essas novas qualidades são uma benção para os corações sensíveis: elas fazem desaparecer a frieza da razão simples e nos impede de, em nossa cegueira, danificar e aniquilar tudo a nosso redor.

Os rosacruzes não vêem o mundo como as pessoas comuns. Longe de se apegar a seu fardo, a suas limitações, a suas tristes realidades, eles o vêem sob o aspecto de uma grande oportunidade: este domínio é de fato a matriz do homem universal! As estrelas, os astros, o universo luminoso onde ele está, constituem a terra nutriz do grande homem de luz que devemos nos tornar. Consideramos a distância, o espaço e os aspectos contrários da realidade terrestre como pedras para afiar nossa consciência, nosso entendimento, nosso saber e nossa concepção da coesão de todas as coisas. É preciso poder quebrar a casca do ovo no momento pretendido: o pequeno homem deve preparar o caminho do grande homem que, ao sair de seu aprisionamento na terra, se encontrará unido ao mundo divino do qual estava separado.

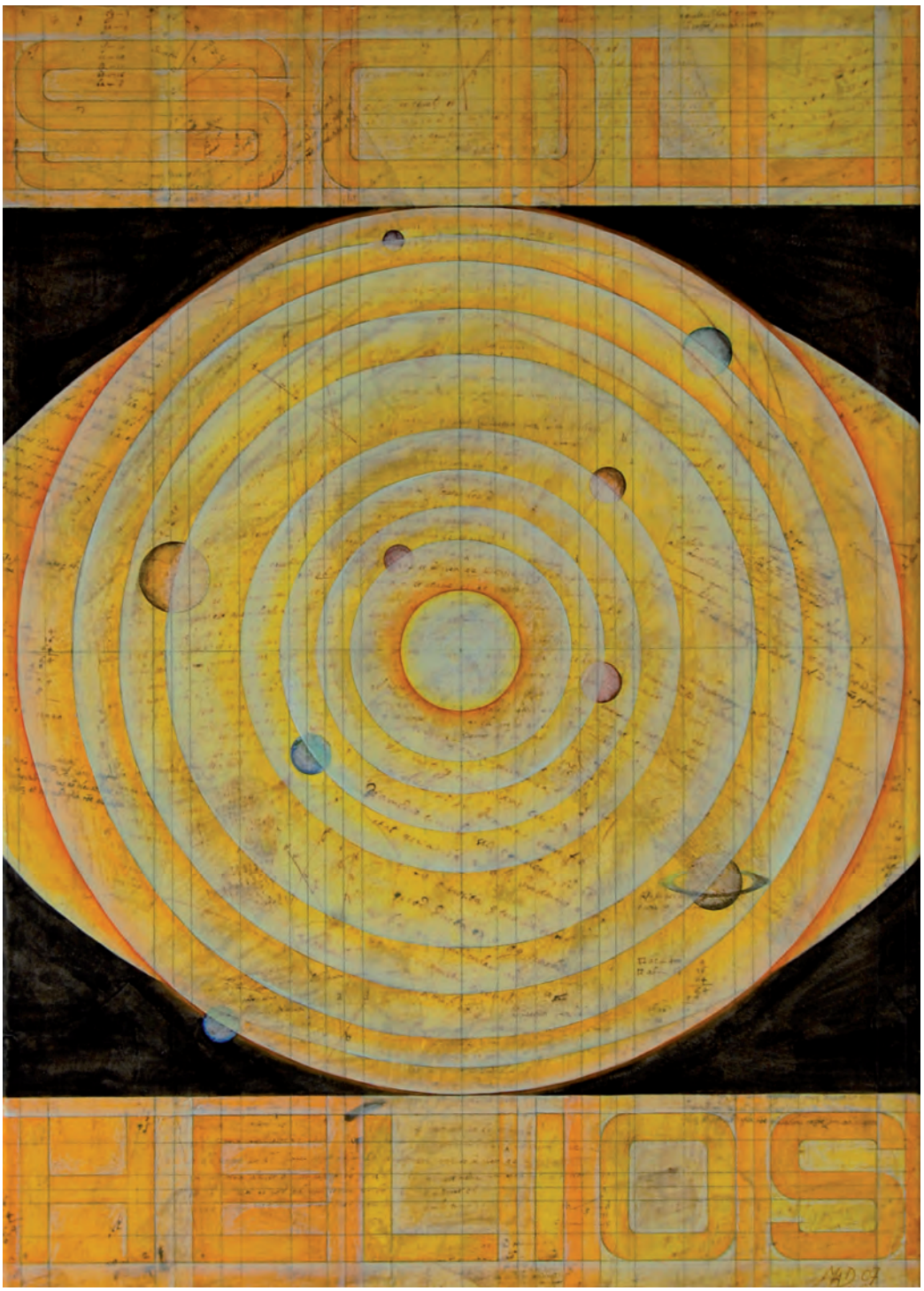
O Aguadeiro, o portador de água que verte a água viva em nosso sistema vital, representa a energia elétrica que quebra a casca e religa a humanidade a um plano de vida totalmente novo, o do nascimento e da evolução do homem de Aquário.

A esse propósito, citamos novamente J. van Rijckenborgh: "Nós [...] vamos do assombro à admiração e passamos da profunda surpresa à adoração balbuciante; chegamos à humildade e à religião. Nós, de quem disseram que dirigiríamos a fria inteligência para a coisa suprema, sentimos como nosso saber culmina em sua convicção profundamente religiosa. Curvamos os joelhos diante da majestade de Deus, porque, após profunda sondagem, a intervenção divina se comprova em todos os reinos; porque experimentamos a força que impulsiona todas as coisas, a energia sublime que sustenta nosso planeta através do espaço, a Luz do Mundo: Cristo".

Essa é a religião de que falam os rosacruzes: a possibilidade de viver numa época totalmente nova, a religião do pensamento inspirado por Manas, que permite decifrar o primeiríssimo código. O homem sacode então a terra de seus calçados; ele faz a gloriosa síntese dos dois códigos e, envolvido pelo manto violeta-ouro do cintilante pó de estrelas, ele reencontra em seu próprio interior o homem de luz ✪

Rijckenborgh, J. v., *Confessio da Fraternidade da Rosacruz*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1987, cap. 6

aquário, um "eu" melhor



e os planetas dos mistérios

Em 2008, nos Países Baixos, novembro foi o mês dedicado à espiritualidade. O tema era: "Há um 'eu' melhor?" Questão fascinante! Para ela, em geral, se espera uma resposta afirmativa.

Mas quanto mais refletimos e procuramos alcançar uma compreensão mais aprofundada da questão, mais descobrimos que ela apresenta múltiplos aspectos: sociais, pessoais, biológicos, religiosos.

No decorrer de uma única vida humana, corremos o sério risco de não poder dar uma resposta satisfatória. Em certos momentos, chegamos ainda a questionar: "Um eu melhor? Como assim? Será que meu eu comum já não é bom o suficiente"? Aprofundemo-nos na questão que está em estreita conexão com o tema desse mês da espiritualidade, "Tentar viver bem". Poderíamos mencionar uma vida louvável, aproveitável e desejável no plano social.

À questão "Você tem medo de morrer?", a celebridade holandesa Annie M.G. Schmidt respondeu: "Medo de morrer? De maneira alguma. Finalmente ficarei livre desse eu ciumento, sentimental, invejoso e mesquinho, que sempre se opôs a mim". Essa é uma boa observação, pois a forte personalidade que somos, ou seja, nosso ser aural, é formada por um grande número de "eus"! Há um eu humanitário, um eu social, um eu violento, benfeitor, obcecado por si mesmo, um eu sexual ou um eu faminto, um eu bom e um eu mau.

Cada um deles precisa sempre de nossa atenção, reclama sempre a primazia, e quando os alimentamos (atenção é alimento), eles nos deixam em paz por algum tempo. A personalidade humana é o conjunto desses "eus". Não há apenas *um* eu, conforme descobriram nossos filósofos.

De acordo com eles, o ser humano, no começo, não possuía um eu. Ele estava ligado, integrado, poderíamos dizer, ao meio social onde nascera, e era dependente da própria estrutura de necessidades sempre crescente. Mas, em dado momento, por volta do início do século 19, de repente ganhamos um eu. Sabemos disso por Arthur Schopenhauer, cuja mãe morou debaixo do mesmo teto que Goethe. Para ele, nossa tarefa consistia em perder esse eu no grande oceano da vida, em deixá-lo dissolver-se nele.

Com sua paixão filosófica, Schopenhauer pesquisou como e em que medida o homem está dividido interiormente entre dois mundos. Daí a conhecida expressão: "Duas almas moram em meu peito". De um lado existe a consciência empírica, a consciência experimental baseada nas percepções sensoriais; de outro, está a consciência ainda vaga, passageira, para a qual Schopenhauer a princípio não tinha um nome, mas que, por fim, denominou de "consciência melhor". Schopenhauer, no começo de 1813, no seu jornal filosófico, afirmou: "Neste mundo temporal, sensorial e intelectual, existem a personalidade e o princípio da causalidade; sim, e isso é até necessário. Mas a consciência melhor, em mim, me conduz para um mundo onde não existe nem personalidade nem causalidade, nem sujeito nem objeto". Trata-se de um mundo que, como dimensão superior, tem o valor de realidade suprema, conforme, por exemplo, mencionado nos escritos de Hermes Trismegisto.

Personalidade e causalidade são conceitos que se aproximam dos conhecimentos do estoicismo, uma visão de mundo do século 3 a.C., no tempo do filósofo grego Zenon de Citium (333–262 a.C.). Eles também perguntavam a si mesmos: Existe

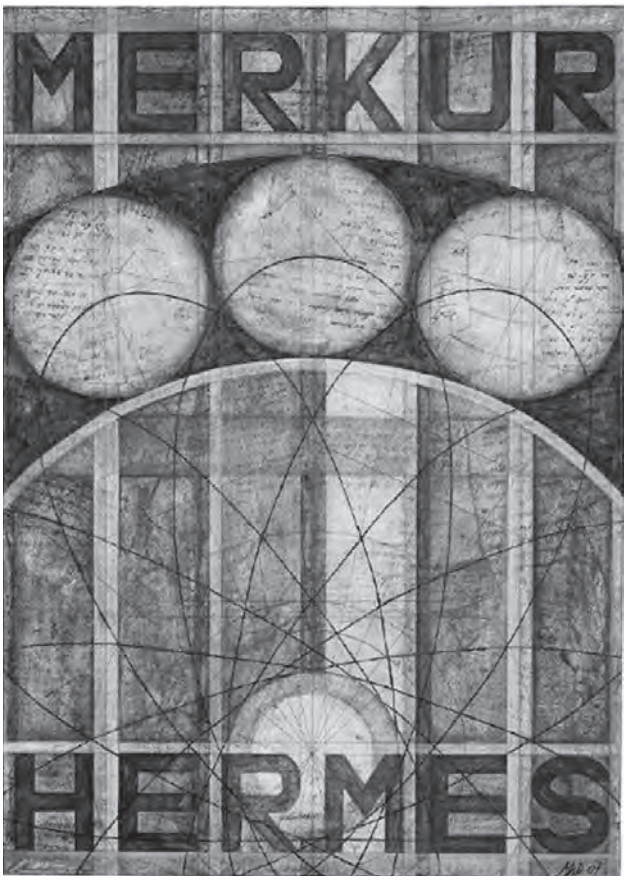
uma personalidade boa? O que é o bem? Existe uma coisa pela qual valha a pena viver? Do ponto de vista prático, é uma pergunta fácil, não é mesmo? Podemos ser um bom sapateiro, um bom promotor, um bom pai, ou... um bom fabricante de armas. Mas quão bom é o homem, então? Nos exemplos dados, ser bom significa desempenhar bem uma função.

Os gregos falavam de "phusis", que significa constituição natural, natureza. Essa palavra também significa desempenhar uma função. Para eles o bem era desempenhar sua função própria, viver ou agir de acordo com a "phusis", cooperar com o "necessário" na natureza, a qual se empenha pela perfeição.

Mas, então, como devemos viver? Os estóicos tinham suas idéias a esse respeito: "Ajudando o ser humano nas suas necessidades e nos seus questionamentos," eles diziam. É algo que podemos fazer, e ao mesmo tempo é o meio de estimular o crescimento de nossa alma. Aí está uma concepção típica vinda do estoicismo. "Deus está onde um ser humano ajuda os outros, tal é a voz da glória eterna."

Graças a Plínio, o Velho (23-79 d.C.), essa citação de Zenon de Citium foi conservada. Na Escola da Rosacruz moderna é dito: "Servir o próximo em auto-esquecimento é o caminho para Deus mais curto, seguro e alegre".

Mas, por fim, principia o declínio. Envelhecemos, morremos. Isso corresponde mesmo ao bem? Para os estóicos, isso era difícil dizer. Mas é uma lei, e a ela eles se sujeitavam. Os rosacruzes, da mesma forma, aceitam a morte e não se revoltam contra



Mercúrio simboliza o espírito humano; o Mercúrio renovado doa a compreensão universal direta. A sabedoria divina atua sem intermediário no homem que foge do pensamento centralizado no mundo da dualidade. Na iniciação mercuriana, o homem é participante e colaborador consciente no plano de Deus

ela. De fato, o rosacruz não busca a natureza, mas sim a força ativa que nela opera, essa força que o colocou um dia no caminho da vida, que também será finalizado por ela. Viver nessa força significa estar seguro. Essa força é Espírito, pura, serena, que se revela no ser humano como alma, como alma-espírito.

A TRANSFIGURAÇÃO: A CAMINHO DE UMA VIDA DE PUREZA E LIBERDADE Atualmente, os homens buscam a pureza e a autenticidade de outra forma. De muitas formas, poderíamos dizer. O que pensar, por exemplo, do projeto Genesis Timeline? Trata-se de recolher, com o auxílio de uma tecnologia altamente sofisticada, amostras de partículas de matéria provenientes do Sol. Na fronteira mais externa do campo magnético terrestre, uma cápsula Gemini aproximou-se o máximo possível do Sol a fim de capturar partículas do vento solar com bolachas extremamente sensíveis e ultrapuras de ouro, safira, silício e diamante.

A essa proximidade do Sol, já não se sente a vibração terrestre, e reina um campo perfeitamente sereno. No limite desses dois campos, os cientistas da NASA, em cooperação com o Instituto de Tecnologia da Califórnia, esperavam recolher matéria solar, a fim de obter uma compreensão melhor sobre a origem e a evolução do nosso sistema solar. Em sua trajetória, a Gemini orbitou em torno do Sol durante três anos e, por fim, espatifou-se há algum tempo no deserto de Utah. Apesar da queda da Gemini, os astrônomos acreditam que ainda podem recuperar cinco bolachas e estudar os milhões de partículas do vento solar que elas contêm. "Há anos procuramos conhecer a composição do Sol" diz Burnett, um dos cientistas do projeto. "Queremos analisar individualmente cada átomo que conseguirmos salvar." O programa previsto deve durar ainda cinco anos.

Esse fascínio pelo sistema solar é notável! Por que devemos conhecer a composição do Sol, como diz Burnett? É certo que existe o interesse científico, mas não haveria ainda um fator psicológico por trás disso? Os adversários das viagens espaciais sempre alegam que os homens têm bastante o que fazer na Terra e deveriam, por isso, procurar resolver primeiro os problemas daqui.

Você já foi tocado por um campo cheio de serenidade? Já sentiu a energia benfazeja que dele emana? Conhece o respeito que esse campo inspira na pessoa que entra em contato com ele? O mesmo respeito que se apodera de uma criancinha quando, pela primeira vez, ingressa num espaço inebriante de grandeza, de elevação e de silêncio? Imagine a atividade purificadora que ele exerce e a imensidade da sua força sanadora. E isso apenas porque tudo o que é pequeno se evanesce de nosso ser para sempre após essa impressão grandiosa.

O homem não tem necessidade alguma de ir ao espaço para receber em si mesmo o "vento solar". A Terra é inundada por torrentes de energia cósmica sem as quais, em alguns segundos, toda a vida na Terra terminaria. Há quatrocentos anos, vários homens e mulheres faziam experiências parecidas. Eles experimentavam um toque do macrocosmo solar e sentiam o mesmo arrepio de felicidade e respeito. Eles recebiam, por assim dizer, o mesmo vento solar, aqui, na Terra.

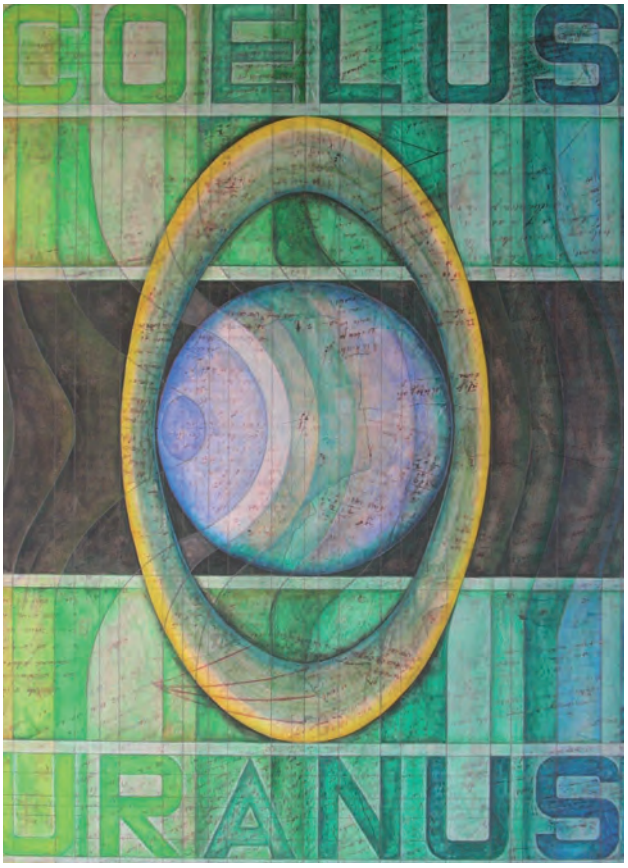
Em 1604, sabia-se que havia sete planetas em nosso sistema solar: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, o Sol e a Lua, que transmitiam para a Terra as sete forças cósmicas do universo. A Terra era considerada o centro, mas também o ponto mais baixo e, assim como nós, estava muito distante do centro celeste onde se encontrava na origem. O ser humano também está completamente separado do esplendor celeste em que vivia no princípio. Naquela época, ganhou peso a idéia de que na realidade o Sol seria o centro do universo, e não a Terra.

GRANDES DESCOBERTAS Em 10 de outubro de 1604 foi descoberta uma supernova na constelação do Serpentário, do mesmo modo que, algum tempo antes, aparecera uma supernova na constelação do Cisne. Uma nova estrela! Isso causou grande comoção. "Em que tempos vivemos!", assim se pensava. Isso não acontecia desde a descoberta da estrela que acompanhou o nascimento do Messias. Foi como se houvéssemos sentido o vento solar na Terra, sentíamo-nos como que religados à vida da esfera solar. Esse acontecimento marcou o aparecimento da Fraternidade da Rosacruz do século 17, com a qual, nós, rosacruzes do Lectorium Rosicrucianum, nos sentimos ligados.

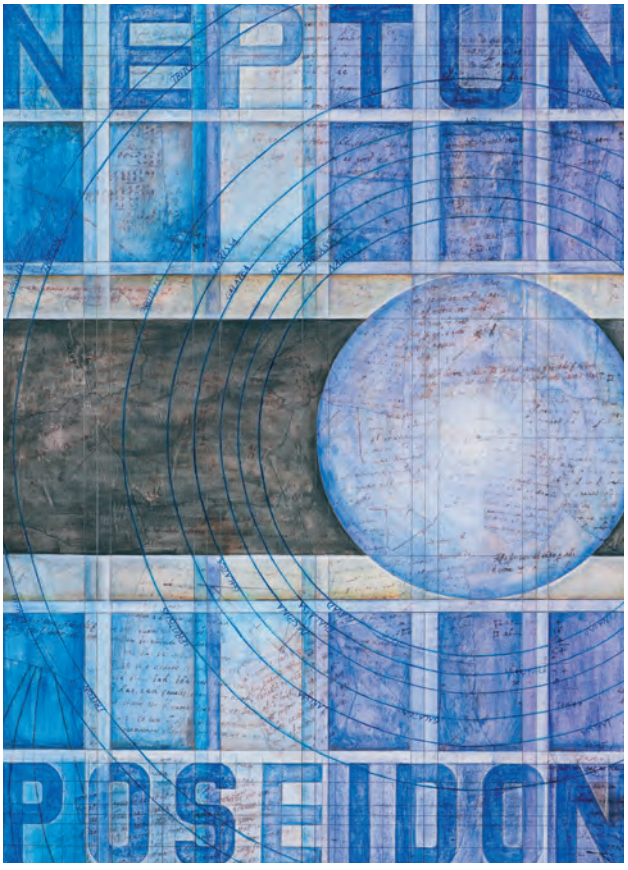
As pessoas que estudavam o céu no século dezessete não eram tão individualizadas e apartadas do mundo celeste como somos hoje. Elas não lançavam material altamente sofisticado no espaço para aprender como tudo começou, porque se sentiam ligadas a essa origem do universo e a reconheciam em si mesmas. O ser humano, diziam esses rosacruzes, e muitos com eles, constitui um pequeno mundo em que os sete planetas estão representados. O Sol não é o coração desse mundo? A Terra não é a cabeça? A respeito disso, J. van Rijckenborgh afirma: "os rosacruzes investigam a coesão entre microcosmo e macrocosmo, o grandioso equilíbrio que reina entre todas as coisas".

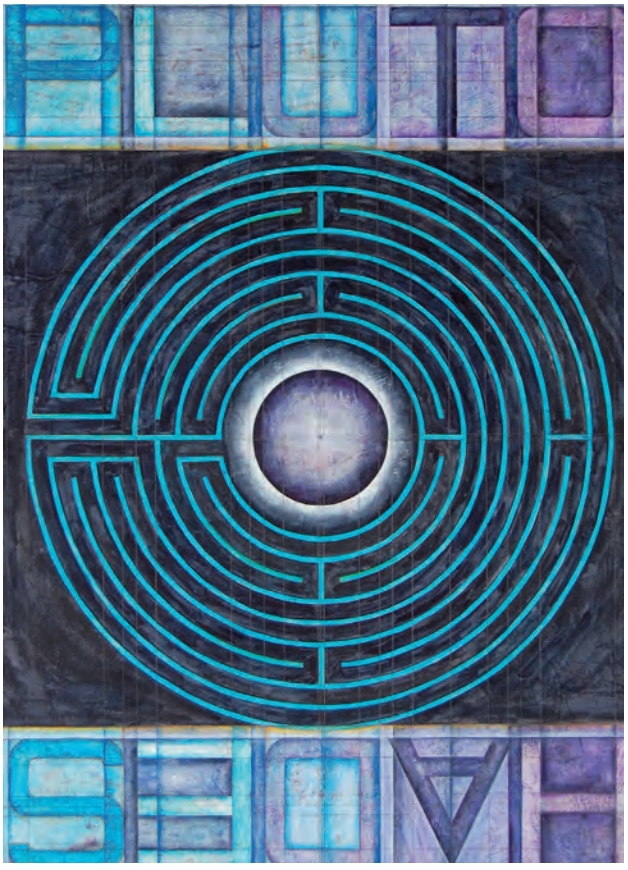
Para os rosacruzes do século 17, todas as coisas tinham uma correspondência entre si, todas estavam interrelacionadas, e as placas de ouro que os cientistas lançaram no espaço seriam desnecessárias. Eles encontraram-se no vento solar que, naquele momento, atravessava o universo, e captaram as sugestões sobre a origem do universo que assim chegavam até eles de uma forma bem diferente. Se observarmos suas idéias, uma imensa perspectiva se oferece, porque, desde então, outros planetas foram descobertos: primeiro Urano, em 1781, depois

As três influências de Urano, Netuno e Plutão nos preparam para receber a nova consciência. Esses planetas nada têm a formar no homem, isso não é necessário: eles apenas exercem sua influência, impulsionando-o no grande conflito da vida, um conflito que ele jamais viu, e conduzindo-o à realização definitiva de si mesmo



Netuno, em 1846, a seguir Plutão, em 1930, e, em 2002 e 2003, para além de Plutão, ainda dois possíveis planetas: Quaoar e Sedna. A natureza precisa desses astros ainda não foi estudada. Outros planetas foram também observados pela primeira vez em outros sistemas solares. Até o presente, diz o dr. Bruce Macintosh, do Laboratório Nacional Lawrence Livermore da Califórnia, apenas podíamos deduzir indiretamente a presença de





Os rosacruzes estudam a relação entre microcosmo e macrocosmo, o equilíbrio grandioso que reina entre todas as coisas

planetas em outros sistemas estelares, como, por exemplo, pelos movimentos irregulares de certas estrelas. Mas agora avistamos, orbitando a estrela Fomalhaut, localizada na constelação de Peixe Austral *(Piscis Austrinus)*, um planeta (Fomalhaut b). Um pesquisador expressou assim sua alegria com essa descoberta: É uma grandiosa e cativante experiência a de ficar cara a cara com um planeta nunca antes visto.

Em nosso sistema solar, Netuno é, oficialmente, o primeiro novo planeta descoberto, pois, em 1613, no primeiro telescópio que construiu, Galileu pôde observar Netuno então muito próximo de Júpiter. Ele pensou que se tratasse de uma estrela comum; nas duas noites seguintes, ele registrou a trajetória dessa "estrela" em relação a outra bem próxima. Se ele tivesse podido observar a trajetória nas noites seguintes, teria concluído que se tratava de um novo planeta; mas as observações seguintes foram impedidas por um céu nublado.

Urano, o primeiro planeta reconhecido, foi descoberto em 1781. Ele leva 84 anos para fazer a volta em torno do Sol. Netuno foi descoberto oficialmente em 1846, após determinados cálculos, e percebido ao mesmo tempo por dois astrônomos, um inglês e um francês. Fazendo a volta em torno do Sol em 165 anos, em 2011 ele terá terminado de dar uma volta completa em relação ao momento de sua descoberta.

Plutão faz a volta em torno do Sol em 248 anos; descoberto em 1930, será, portanto, em 2178 que ele terá completado uma órbita e voltará ao ponto em que estava quando foi descoberto. Esses três planetas foram qualificados de planetas dos mistérios porque sua influência afeta novas possibilidades ainda desconhecidas da maioria da humanidade atual. Na visão dos rosacruzes, o sistema solar não é um espaço vazio onde alguns planetas giram. Eles consideram o macrocosmo solar como um todo vivo, como um grande corpo em evolução constante. Nesse imenso relógio que o cosmo representa, os tempos mudam, e nós, os pequenos seres humanos do humilde planeta Terra, também mudamos. No espaço que separa os planetas, o vento solar provindo do coração desse sistema fornece sem parar a esse cosmo o "prana": um potencial vital energético infinitamente diversificado.

Sob esse ponto de vista, os homens não são células independentes e auto-suficientes, mas fazem parte desse sistema vivo e constituem uma humanidade, um todo, um potente órgão passível de receber interiormente a força solar e irradiá-la para a saúde do planeta inteiro. Talvez isso ainda perdure, dada a situação deste planeta, mas Aquário, o signo do zodíaco que o Sol atualmente atravessa, mexe com todas as relações existentes na Terra. Já existem grupos que irradiam essa nova energia.

Encontramo-nos no meio de um período em que o desenvolvimento individual interior, antigamente denominado iniciação, é muito possível, e onde é fortemente estimulada a unidade de grupo numa espiral superior. Esse é um dos efeitos das vibrações de Aquário, uma energia de freqüência vibratória elevada.

Do Sol vêm muitas atividades e radiações necessárias à vida dos diversos planetas. Radiações que podem ser prejudiciais à vida existente em diferentes corpos planetários são filtradas e barradas por

uma zona de irradiações complexas. É dessa forma que o Cinturão de Van Allen, uma teia muito sofisticada envolvendo a Terra, filtra ou deixa passar os raios provindos do exterior. Desse ponto de vista, o homem que conhecíamos até aqui e como o conhecia o século 17 já não existe. Seu desenvolvimento já não está dirigido pelas sete forças cósmicas provindas dos sete planetas conhecidos. O ensinamento universal afirma que, sendo o homem duodécuplo, o sistema solar deve comportar doze planetas, ou centros de forças, e que cada um deve exercer certa atividade em relação a seu próprio desenvolvimento.

J. van Rijckenborgh descreve particularmente os movimentos do céu e de suas influências e conseqüências no que concerne à humanidade. Ele nos ensina que "Urano trabalha diretamente no coração e na vida de sentimentos e estimula os dois. Urano está, portanto, ligado ao amor ao próximo. Mas essa característica só aparece quando a colocamos em prática". Aqui não se trata, ele sugere, do amor altruísta comum. O homem voa, o homem sonha. É precisa fazer crescer conscientemente o bem-querer em todos, a solidariedade. E o começo é uma chama, uma centelha do fogo cósmico, de Deus, que brilha no coração humano, e cresce quando compreendemos que "Deus está onde o ser humano ajuda seu próximo".

AS NOVAS INFLUÊNCIAS Urano trabalha no coração e, ao mesmo tempo, na hipófise, os centros animadores e direcionadores. Ele penetra esses centros com força, e sua influência permite reagir positivamente. Acontece então uma transformação radical da consciência, afirmada desde o século precedente. Para muitos, é evidente que a cultura intelectual moderna produziu uma sociedade onde a violência, o medo, a brutalidade, o perigo, o nivelamento, o isolamento, não param de crescer. A pura intelectualidade atingiu seus limites no que poderia conquistar, e já não oferece nenhuma perspectiva verdadeira.

Se o ser humano o deseja conscientemente, Urano apresenta uma possibilidade e uma base positiva ao influenciar o coração e o cérebro, a fim de permitir transpor os limites do intelecto puramente analítico e calculista, ao sugerir uma colaboração entre eles. Urano torna a vida dos sentimentos mais sensível às necessidades do próximo e à presença em nós do "Outro".

O egocentrismo fundamental, característica do homem atual, deve ser rejeitado, do contrário a ação de Urano será negativa. É o reverso da medalha: nesse caso, os impulsos visando à liberdade conduzem a imoralidade, ilegalidade, libertinagem, negação das relações que regulam a vida. As disposições fraternais para as quais nos leva Urano tornam-se então: marasmo e paixão obsessiva coletivas, banalização de todas as expressões da vida e igualitarismo sem alma.

Em compensação, uma reação positiva torna-nos receptivos. A atenção e o desejo viram-se espontaneamente para as coisas das quais falamos, pois o desejo de ajuda mútua e a compreensão tornam o homem receptivo à luz que engloba todo o universo.

A influência do planeta dos mistérios Netuno segue Urano de maneira lógica. O ser huma-

POLARIZAÇÃO DOS METAIS

Se consideramos a Terra como um sistema magnético, então trata-se de um sistema que possui uma função que reflete situações que não correspondem exatamente ao organismo terrestre nem aos diferentes estratos terrestres. Nas camadas superiores de nossa atmosfera, acontecem muitas tempestades magnéticas, perturbações provocadas pela penetração de irradiações indesejáveis. Inversamente, a vida – e a vida humana – desenvolve-se com base nas radiações presentes que a penetram. Além das radiações da própria Terra, muitas radiações externas são necessárias para manter a vida na Terra assim como para a evolução da humanidade. Mas como certas radiações provindas da Terra atuam em nosso desenvolvimento nos dias atuais?
As camadas terrestres superiores apresentam grandes diferenças de matéria, de elementos, de metais. Dentro da matéria terrestre encontramos todas as matérias estelares provindas do universo. As camadas terrestres estão incessantemente em movimento – ainda que muito lentamente. Em certos momentos, matérias são polarizadas e agem graças às radiações que penetram pelo Cinturão de Van Allen (algumas poucas ajudadas pelos buracos na camada de ozônio que sempre aparecem em lugares diferentes, mas dos quais somos em parte a causa). As pessoas não receptivas a essas radiações são, no entanto, influenciadas por elas – por exemplo, pela alimentação, pela água e pelo ar. Muitos minerais e metais são dessa forma absorvidos e agem em nós.
Novas radiações cósmicas ativas provocam novas transformações. Dessa forma, Urano é ativo no urânio, que se transforma em rádio e em outras matérias radioativas. Os alimentos, a atmosfera, e, portanto, os homens, tornam-se cada vez mais radioativos. A cultura puramente ecológica ou biodinâmica nada pode fazer a esse respeito. No entanto, esse é um dos processos que conduzem a importantes modificações da vida humana.

no é elevado acima da personalidade terrestre quando possui a sabedoria ao lado do amor ao próximo. Quando essa sabedoria se mostra e se manifesta ao lado do amor ao próximo, muitos obstáculos desaparecem da frente do homem alma em evolução. Urano aplaina o caminho porque esse princípio maravilhoso se manifesta fazendo nascer uma consciência vivificadora. Netuno quebra a dura estrutura mental e leva o candidato cheio de aspiração a um mundo perfeitamente puro. Netuno nos religa aos éteres transparentes do novo estado de vida e nos faz entrar no campo sereno da esfera solar – com a condição de satisfazermos às suas exigências em nossa própria vida. Netuno nos toca na cabeça e influencia especialmente a epífise, ou glândula pineal. Segundo os rosacruzes, sua influência se faz sentir fortemente também no sistema nervoso, tornando esse sutil tecido apto a perceber essas energias comparáveis à eletricidade. Quem pode assimilar de forma pura as inspirações provindas de Netuno faz penetrar a sabedoria no mundo terrestre, sabedoria muito necessária. Inútil dizer que quem se libertou dessa forma dos entraves terrestres mantém seu corpo astral em grande pureza. Ao longo de sua progressão, a humanidade atravessa muitos momentos nos quais deve aprender a reagir aos impulsos de renovação. Esse processo não termina nunca. Em nossa época, a humanidade necessita das novas influências, de reagir a elas positivamente e de pôr concretamente em ação as novas possibilidades. A sabedoria é necessária para dar, de cada vez, novos passos justos, sem egoísmo e para o bem de todos.
A influência do terceiro planeta dos mistérios, Plutão, se faz no plano concreto das realizações. Plutão leva-nos a concretizar, efetuar, realizar. Em nossa esfera, Plutão apenas se faz sentir aos homens que abraçam e compreendem a idéia da transfiguração: a reestruturação fundamental é então autêntica. Quem experimenta conscientemente a força

desse terceiro planeta torna-se em princípio um "homem-alma-espírito". Seu amor, sua sabedoria e sua atividade são livres. Netuno nos inspira e indica a direção de nossa vida espiritual, e Plutão a comprova. Plutão reina onde não podemos manifestar-nos como personalidade. Não é em vão que ele é o deus do invisível! Ele nos dá a oportunidade de realizar o inacreditável: de sair das limitações e do aprisionamento da matéria, de ressuscitar e tornar-nos verdadeiros habitantes do sistema solar. Os sete antigos planetas tornaram possível para nós a vida nesta Terra, e o fazem ainda. O último desses planetas, Saturno, no limiar, guarda a porta, a fronteira que deve ser atravessada para a aquisição de novas qualidades interiores. Para que isso ocorra é preciso um coração renovado cheio de vida da alma, uma consciência inteiramente fundamentada na vida do espírito e uma forma de agir que dela testemunhe poderosamente. Já atravessamos essa fronteira na ordem cósmica: no que diz respeito à Terra, três novos planetas agem plenamente, e verificamos o resultado nas rupturas e mudanças que vemos à nossa volta. Grandes oportunidades aparecem, e todos têm a chance de encontrá-las, de tomar as coisas nas próprias mãos e orientar seu destino para um novo curso. É a isso que nos convidam os três planetas dos mistérios de forma acolhedora, mas também muito urgente ✪

As ilustrações dos planetas para este artigo foram oferecidas pela senhora Madeleine Decker, Suíça, www.madartdesign.com

despertar da consciência

Conheci-o num trem. Nome, Daan. Sobrenome, Visser (que, em holandês, significa pescador). Ele ainda é estudante universitário. Falamos sobre o consumo de drogas pelos jovens, tema de um artigo do jornal gratuito distribuído aos passageiros.

Para Daan o assunto não é nenhuma novidade: ele já havia fumado para conhecer os efeitos e estar certo de poder parar. Tendo concluído sua experiência, ele freqüentemente escreve artigos sobre o assunto no jornal da universidade e em seu próprio site na internet. Para Daan o assunto é sério, pois ele já viu muitos de seus amigos caírem na armadilha das drogas. E à sua maneira ele tenta intervir. Daan mostrou-se lacônico quando indagado sobre o valor de seu auxílio. Seja como for, sua vontade é continuar.

Num café, encontrei Remco. Um jovem que já viajou bastante e fez muitas coisas. Terminou a faculdade há pouco tempo e indigna-se contra os males infligidos aos animais: seres vivos desta terra, sem voz, vulneráveis. De onde provém tal indignação? Resposta difícil. Ocasionalmente Remco se encontrou em posição de poder fazer algo de concreto por um animal aflito (libertar um pássaro preso num visgo, por exemplo). Todavia, de um modo geral ele se sente impotente face a tanto sofrimento, sem que isso diminua o desejo ardente de ajudar esses animais.

Assim como Daan e Remco, muitos de nós, jovens ou adultos, gostaríamos de poder ajudar; todavia já vivenciamos as contradições da dualidade, e como às vezes fazer o bem pode gerar o mal. O que significa "agir corretamente"? Salvar um animal aflito ou um amigo deprimido? Não é tão simples assim, pois aquilo que é bom para uns pode ser ruim para outros, ou pode ser um bem menor. Tecemos nossas considerações sobre o "bem" e o "mal" segundo os antecedentes de nossa personalidade. Tais considerações, tomadas de maneira literal, não possuem o mesmo valor perante os olhos de todos. Cada imagem se inicia como um pensamento, ou seja, uma idéia, uma concepção mental. Com base nessa idéia aparece o desejo de conferir-lhe forma. Depois, é preciso que exista uma vontade de realização para que, enfim, a idéia tome forma, contanto que isso seja possível. Quando imaginamos, por exemplo, o "bem" e o "mal", o processo se desenrola segundo a descrição que acabamos de expor.

De acordo com a sabedoria universal, o ser humano não é constituído apenas de um corpo físico. Esse corpo é cercado e perpassado pelo corpo etérico (ou corpo vital), em torno do qual se estende o corpo astral (ou corpo de desejos). Observemos que em torno da cabeça encontra-se o corpo mental, que está ainda no início de seu desenvolvimento. Esses corpos (ou veículos) que pertencem à personalidade são totalmente inconscientes do microcosmo onde se encontram: somente quando a centelha-do-espírito em nós se anima é que pressentimos nossa condição. Em princípio, o campo de atuação da personalidade no interior do microcosmo é um campo à parte chamado campo de respiração.

Se, graças ao nosso poder mental, pensamos em algo, em nosso campo de respiração aparece uma rede de pensamentos bastante vagos, confusos. Se, ainda que por um curto momento, prestarmos atenção a uma idéia em particular, essa nuvem se dissipará depressa. Mas se nos fixarmos mais longamente em uma idéia, e se a considerarmos sob todos os seus aspectos, e isso durante alguns anos, então ela formará dentro de nosso campo de respiração uma projeção capaz de conservar-se por si mesma; ela solicitará incessantemente nossa atenção

O auto-sacrifício não é algo difícil; trata-se apenas de "ajudar nossos irmãos em caso de necessidade e quando eles interrogam sobre o sentido da vida"

para poder se manter, pois essa imagem exige que nós a alimentemos. Seja como for, essas projeções roubam nossa energia de modo ininterrupto, e nos manipulam segundo a natureza de nossa personalidade.

Essas imagens e idéias que povoam nosso campo de respiração determinam nossas imagens de "bem" e "mal". Assim, nossa personalidade tinge todas as nossas percepções. Ninguém possui percepções realmente objetivas. Neste mundo, "fazer bem" não é algo de absoluto.

A Terra também possui seu campo de respiração: uma esfera onde, desde tempos imemoriais, todas as idéias, todas as criações mentais da humanidade inteira tomaram forma. Essa evidentemente também é a esfera do passado. Ela é sempre um reflexo de tudo que a humanidade pensou, sentiu, desejou e fez.

Em contrapartida, um dos aspectos particulares é que novas radiações tocam a humanidade – que mais do que nunca deve ser capaz de contrapor-se às influências opressoras do passado – e ativam a centelha-do-espírito permitindo que novas e puras imagens penetrem a personalidade humana, a fim de torná-la apta a tornar-se consciente da possibilidade de uma vida nova.

Conseqüentemente, devemos reconhecer que recebemos projeções do passado, que vivemos e nos comportamos de acordo com elas e, portanto, vemos o mundo segundo o que já aconteceu. Mas como escapar a essas influências opressoras?

Isso é possível graças à palavra mágica que ressoa em nossa época. Devemos "deixar o barco correr". Renunciar. Esforçar-nos para atenuar, apagar as tenazes imagens que ocupam nossa consciência. No entanto, não é possível agir pessoalmente para que tudo desapareça: em nosso campo de respiração sempre permanecem coisas do passado, do qual não somos ou ainda não somos conscientes. Podem ser necessárias diversas vidas para superar tudo isso e conseguir perceber novas imagens e novas conexões. Na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea esforçamo-nos para nos tornar conscientes do "Outro" em nós, que emana interiormente da centelha-do-espírito. A centelha-do-espírito é o que permanece do mundo divino em cada ser humano.

Esse é o primeiro passo no caminho rumo à total receptividade ao novo impulso que anima nosso campo de respiração. Porque, a partir do instante em que o aspecto espiritual desperta em nosso coração e que este inicia sua tarefa, a energia que circula pelo sangue põe-se a influenciar o santuário da cabeça. Essa força possui uma vibração absolutamente diferente e muito superior a tudo a que normalmente estamos habituados. Essa elevada vibração provoca em nós uma grande agitação e pouco a pouco nos faz passar da confusão a um claro autoconhecimento e, por fim, a um poder mental cada vez mais claro. Nessa clareza, acabamos por compreender nossas ligações, nossas criações pessoais determinadas pelo passado e nas quais nos encontramos presos. Assim, a luz da nova consciência apaga progressivamente todas as imagens, criações e formas provenientes da personalidade, cuja influência opressora desaparece na luz e na radiação do novo sol interior, e conservamos a lembrança dessa experiência bem no centro do microcosmo. Então,

o campo de respiração torna-se calmo novamente, como a superfície tranqüila de um lago onde penetram os raios do sol divino.
Essa purificação pessoal age diretamente no inteiro campo mundial, como uma estrela distante aparece como um ponto luminoso na noite escura. Unindo nossos esforços aos dos que buscam pela luz e pela nova vida, nós, em quem a centelha-do-espírito foi despertada, participamos da purificação da inteira esfera terrestre de vida, e, na medida do possível, neutralizamos as turbulências que ocorrem em nosso ambiente. Esse é o melhor e maior auxílio que podemos oferecer.
Quando em nós reina certa serenidade, temos a oportunidade de escolher a direção a tomar e a possibilidade de nos libertar. "Aquele que vence a si próprio é mais forte que aquele que conquista uma cidade". Ou: "Quem purifica seu próprio campo de respiração à luz do Outro, contribui com o restabelecimento do mundo!" Trata-se de uma grande tarefa que exige coragem e retidão. Mas cada ser humano traz em si tal possibilidade. E o que pode ainda ser feito de bom no plano social? A resposta é muito simples: agir conforme a situação, sem atribuir-lhe importância extraordinária. Dito de outro modo, deve-se agir sem dizer-se a si próprio: "Vou colocar um pouco de ordem nesta história!" como Daan, como Remco, como a maioria das pessoas. É preciso agir de modo natural, sem julgamento. Sem apoiar-se muito no prato da balança do pretenso bem, pois automaticamente o outro prato, o do mal, se eleva. E, sobretudo, que nada obstrua o caminho do livre desenvolvimento do "Outro" em nós ✪

platão – o mito de er – sobre

As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz traz inúmeros elementos narrativos universais. Pensemos na corda (de luz) baixada no poço, na escolha do caminho de vida, no "gole de esquecimento" e no poder de agir da justa forma em todas as circunstâncias. São comparações e metáforas tão antigas quanto a humanidade, destinadas a nos esclarecer sobre nossa relação com o mundo verdadeiro. O leitor encontrará certo número desses elementos na história, contada há milhares de anos, e que Platão, aproximadamente quatrocentos anos antes de nossa era, relata no último capítulo de *A República*.

Sócrates fala, Glauco escuta e responde:
"Serão assim os prêmios, recompensas e dádivas que o justo recebe, em vida, dos deuses e dos homens, além daqueles bens que a própria justiça lhe proporciona", diz Sócrates.
"E são bem formosos e sólidos", responde Glauco.
"Ora, esses nada são, em número nem em grandeza, em comparação com os que aguardam cada um deles depois da morte. É isso que é preciso escutar, para que cada um receba exatamente aquilo que, por força da argumentação, lhe é devido" diz Sócrates.
"Diga, porque não há coisa que mais me agrade", responde Glauco.
"A verdade é que o que te vou narrar não é um conto de Alcínoo, mas de um homem valente, Er, o Armênio, Panfílio de nascimento. Tendo ele morrido em combate, andavam a recolher, ao fim de dez dias, os mortos já putrefatos, quando o retiraram em bom estado de saúde. Levaram-no para casa para lhe dar sepultura, e, quando, ao décimo segundo dia, jazia sobre a pira, tornou à vida e narrou o que vira no Além. Contava ele que depois que saíra do corpo, a sua alma fizera caminho, com muitas, e haviam chegado a um lugar divino, no qual havia, na terra, duas aberturas contíguas uma à outra, e no céu, lá em cima, outras em frente a estas. No espaço entre elas, estavam sentados juízes que, depois de pronunciarem a sua sentença, mandavam os justos avançar para o caminho à direita, que subia para o céu, depois de lhes terem atado à frente a nota de seu julgamento; ao passo que, aos injustos, prescreviam que tomassem à esquerda, e para baixo, levando também atrás a nota de tudo quanto haviam feito. Quando se aproximou, disseram-lhe que ele devia ser o mensageiro, junto dos homens, das coisas do Além, e ordenaram-lhe que ouvisse e observasse tudo o que havia naquele lugar. Ora ele viu que ali, por cada uma de suas aberturas do céu e da terra, saíam as almas, depois de terem sido submetidas ao julgamento, ao passo que pelas restantes, por uma subiam as almas que vinham da terra, cheias de lixo e pó, e por outra desciam as almas do céu, em estado de pureza. E as almas, à medida que chegavam, pareciam vir de uma longa travessia e regozijavam-se por irem para o prado acampar, como se fosse uma panegíria;[1] as que se conheciam, cumprimentavam-se mutuamente, e as que vinham da terra faziam perguntas às outras sobre o que se passava no Além, e as que vinham do céu, sobre o que sucedia na terra. Umas, a gemer e a chorar, recordavam quantos e quais sofrimentos haviam suportado e visto na sua viagem por baixo da terra, viagem essa que durava mil anos, ao passo que outras, as que vinham do céu, contavam as suas deliciosas experiências e visões de uma beleza indescritível. Referir todos os pormenores seria, amigo Glauco, tarefa para muito tempo. Mas o essencial dizia ele que era o que segue. Fossem quais fossem as injustiças cometidas e as pessoas prejudicadas, pagava, a pena de tudo isso sucessivamente, dez vezes por cada uma, quer dizer, uma vez em cada cem anos,

Cabeça de Nefertiti, Tell el-Amarna, cerca de 1.340 antes de Cristo

a vida depois da morte

“O bem não oprime, e cada um participa dele na medida em que venera o bem”

sendo esta a duração da vida humana – a fim de pagarem, decuplicando-a, a pena do crime; por exemplo, quem fosse culpado da morte de muita gente, por ter traído Estados ou exércitos e os ter lançado na escravatura, ou por ser responsável por qualquer outro malefício, por cada um desses crimes suportava padecimentos a decuplicar; e, inversamente, se tivesse praticado boas ações, e tivesse sido justo e piedoso, recebia recompensa na mesma proporção. Sobre os que morreram logo a seguir ao nascimento e os que viveram pouco tempo, dava outras informações que não vale a pena lembrar. Em relação à impiedade ou piedade para com os deuses e para com os pais, e crimes de homicídio, dizia que as penas ou as recompensas eram ainda maiores.

Contava ele, com efeito, que estivera junto de alguém a quem perguntaram onde estava Ardieu, o Grande. Este Ardieu tinha sido tirano numa cidade da Panfília, havia já então mil anos; tinha assassinado o pai idoso e o irmão mais velho e perpetrado muitas outras impiedades, segundo se dizia. E o interpelado respondera: ‘Não vem, nem poderá vir para aqui. Na verdade, um dos espetáculos terríveis que vimos foi o seguinte: Depois de nos termos aproximado da abertura, preparados para subir, e quando já tínhamos expiado os sofrimentos, avistamos de repente Ardieu e outros, que eram tiranos, na sua quase totalidade; mas também havia alguns que eram particulares que tinham cometido grandes crimes – que, quando julgavam que já iam subir, a abertura não os admitia, mas soltava um mugido cada vez que algum desses, assim incuráveis na sua maldade ou que ainda não tinham expiado suficientemente a sua pena, tentava a ascensão. Estavam lá homens selvagens, que pareciam de fogo, e que, ao ouvirem o estrondo, agarravam alguns pelo meio e levavam-nos, mas a Ardieu e outros algemaram-lhes as mãos, pés e cabeça, derrubaram-nos e esfolaram-nos, arrastaram-nos pelo caminho afora, cardando-os com espinhos, e declaravam a todos, à medida que vinham, por que os tratava assim, e que os levavam para os precipitar no Tártaro’. Então tinham tido terrores múltiplos e variados, mas o maior de todos era o de cada um deles ouvir o mugido, quando ia subir, e foi com o maior gosto que cada um fez a ascensão ante o silêncio daquele. Eram mais ou menos estas as penas e castigos, e bem assim as vantagens que lhes correspondiam. Depois de cada um deles ter passado sete dias no prado, tinham de se erguer dali, e partir ao oitavo dia, para chegar, ao fim de mais quatro dias, a um lugar de onde se avistava, estendendo-se desde o alto através de todo o céu e terra, uma luz, reta como uma coluna, muito semelhante ao arco-íris, mas mais brilhante e mais pura. Chegaram lá, depois de terem feito um dia de caminho, e aí mesmo, viram, no meio da luz, pendentes do céu, as extremidades das suas cadeias […] dessas extremidades pendia o fuso da Necessidade, por cuja ação giravam as esferas. […] Mais três mulheres estavam sentadas em círculo, a distâncias iguais, cada uma em seu trono, que eram as filhas da Necessidade, as Parcas, vestidas de branco, com grinaldas na cabeça – Láquesis, Cloto e Átropos – as quais cantavam ao som da melodia das sereias; Láquesis, o passado, Cloto, o

presente, e Átropos, o futuro. Cloto, tocando com a mão direita no fuso, ajudava a fazer girar o círculo exterior, de tempos a tempos; Átropos, com a mão esquerda, procedia do mesmo modo com os círculos interiores; e Láquesis tocava sucessivamente nuns e noutros com cada uma das mãos. Ora eles, assim que chegaram, tiveram logo de ir junto de Láquesis. Primeiro, um profeta dispô-los por ordem. Seguidamente, pegou em lotes e modelos de vidas que estavam no colo de Láquesis, subiu a um estrado elevado e disse: 'Declaração da virgem Láquesis, filha da Necessidade. Almas efêmeras, vai começar outro período portador da morte para a raça humana. Não é um gênio que vos escolherá, mas vós que escolhereis o gênio. O primeiro a quem a sorte couber, seja o primeiro a escolher uma vida a que ficará ligado pela necessidade. A virtude não tem senhor; cada um terá em maior ou menor grau, conforme a honrar ou a desonrar. A responsabilidade é de quem escolher. Deus é isento de culpa'.

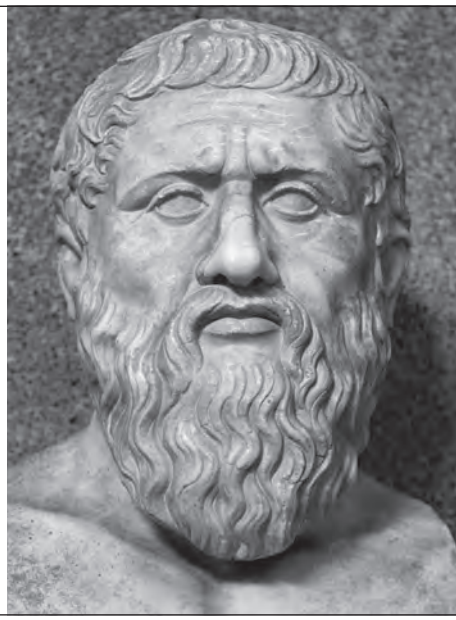
Ditas estas palavras, atirou com os lotes para todos, e cada um apanhou o que caiu perto de si, exceto Er, a quem isso não foi permitido. Ao apanhá-lo, tornara-se evidente para cada um a ordem que lhe cabia para escolher. Seguidamente, dispôs no solo, diante deles, os modelos de vidas, em número muito mais elevado do que o dos presentes. Havia-os de todas as espécies: vidas de todos os animais, e bem assim de todos os seres humanos. Entre elas, havia tiranias, umas duradouras, outras derrubadas a meio, e que acabavam na pobreza, na fuga, na mendicidade. Havia também vidas de homens ilustres, umas pela forma, beleza, vigor, outras pela raça e virtude dos antepassados; depois havia também as vidas obscuras, e do mesmo modo sucedia com as mulheres. Mas não continham as disposições do caráter, por ser forçoso que este mude, conforme a vida que escolhem. Tudo o mais estava misturado entre si, e com a riqueza e a indigência, a doença e a saúde, e bem assim o meio-termo entre estes predicados. É aí que está, segundo parece, meu caro Glauco, o grande perigo para o homem, e por esse motivo se deve ter o máximo cuidado em que cada um de nós ponha de parte os outros estudos para investigar e se aplicar a este, para ver se é capaz de saber e descobrir quem lhe dará a possibilidade e a ciência de distinguir uma vida honesta da que é má e de escolher sempre, em toda parte, tanto quanto possível, a melhor. Tendo em conta tudo quanto há pouco dissemos, e o efeito que tem, relativamente à virtude na vida, o fato de juntar ou separar as qualidades, saberá o mal ou o bem que produzirá a beleza misturada com a pobreza ou a riqueza, e com que disposição da alma, e o resultado da mistura, entre si, do nascimento elevado ou modesto, da vida particular e das magistraturas, da força e da fraqueza, da facilidade e da dificuldade em aprender, e todas as qualidades naturalmente existentes na alma, ou adquiridas. De modo que, em conclusão de tudo isto, será capaz de refletir em todos estes aspectos e distinguir, tendo em conta a natureza da alma, a vida pior e a melhor, chamando pior à que levaria a alma a tornar-se mais injusta, e melhor à que a leva a ser mais justa. A tudo o mais ela não atenderá. Vimos efetivamente, que quer em vida, quer

É dito que *A República* é a obra mais importante de Platão. Ela trata da sociedade ideal; em verdade, trata-se do desenvolvimento do homem ideal, que traz em seu coração "a cidade do céu" como uma regra interior permanente sempre igual a si mesma. Quem pode observá-la ouve as tonalidades superiores desse livro que traz muitas referências aos mistérios e aos ensinamentos interiores, que são os próprios fundamentos da Academia de Platão. No final do livro IX (591e - 592b) Platão faz Sócrates dizer:

"Porém, volvendo seu olhar para o seu governo interior, e precavendo-se contra qualquer alteração em si, devida ao excesso de fortuna ou à escassez da mesma, seguindo essa orientação, [o sábio] aumentará e gastará os seus bens, de acordo com sua capacidade."

"Perfeitamente", responde Glauco.

"Agora, quanto às honrarias, tendo em vista os mesmos princípios, receberá e saboreará de bom grado umas, aquelas que entender que o tornam melhor; mas das que tiverem um efeito dissolvente sobre o estado da sua alma, fugirá delas em particular e em público."



para depois da morte, é essa a melhor das escolhas. Deve, pois, manter-se essa opinião adamantina até ir para o Hades, a fim de, lá também, se permanecer inabalável à riqueza e a outros males da mesma espécie, e não cair na tirania e outras atividades semelhantes, originando males copiosos e sem remédio, dos quais os maiores seria o próprio que os sofreria; mas deve-se saber sempre escolher o modelo intermédio dessas tais vidas, evitando o excesso de ambos os lados, quer nesta vida, até onde for possível, quer em todas as que vierem depois. É assim que o homem alcança a maior felicidade.

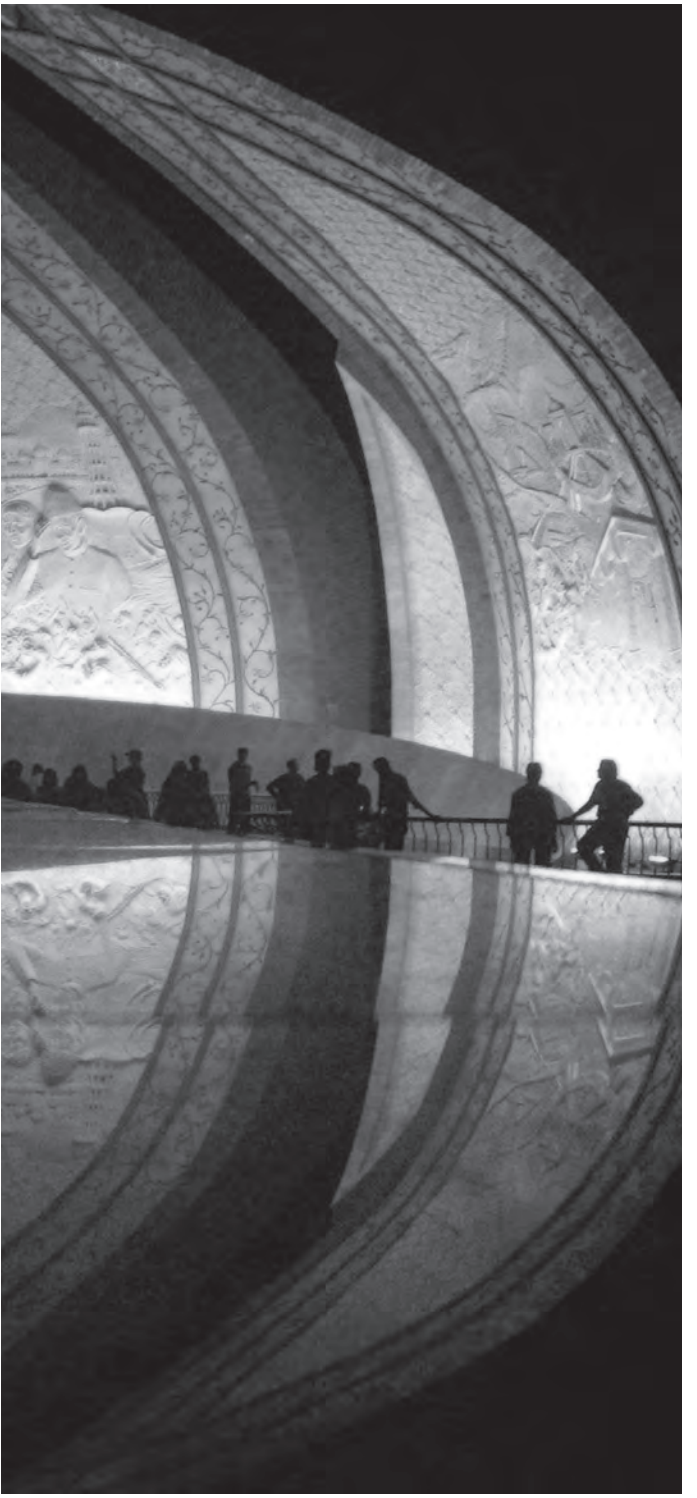
Ora, então, anunciou o mensageiro do Além, o profeta falou deste modo: 'Mesmo para quem vier em último lugar, se escolher com inteligência e viver honestamente, espera-o uma vida agradável, e não uma desgraçada. Nem o primeiro deixe de escolher com prudência, nem o último com coragem'.

Ditas estas palavras, contava Er, aquele a quem coubera a primeira sorte logo se precipitou para escolher a tirania maior, e, por insensatez e cobiça, arrebatou-a sem ter examinado com cuidado todas as conseqüências, antes passou despercebido que o destino que lá estava fixado comportava os próprios filhos de outras desgraças. Mas, depois que a observou com vagar, batia no peito e lamentava a sua escolha, sem se ater às prescrições do profeta. Efetivamente, não era a si mesmo que se acusava da desgraça, mas à sorte e às divindades, e a tudo, mais do que a si mesmo. Ora, esse era um dos que vinham do céu, e viera, na encarnação anterior, num Estado bem governado; a sua participação na virtude devia-se ao hábito, não à filosofia. Pode-se dizer que não eram menos numerosos os que, vindos do céu, se deixavam apanhar em tais situações, devido à sua falta de treino nos sofrimentos. Ao passo que os que vinham da terra, na sua maioria, como tinham sofrido pessoalmente e visto os outros sofrer, não faziam a sua escolha à pressa. Por tal motivo, e também devido à sorte da escolha, o que mais acontecia às almas era fazerem a permuta entre males e bens. É que, se cada vez que uma pessoa chega a esta vida, filosofasse sadiamente, e não lhe coubesse em sorte escolher entre os últimos, teria probabilidades, segundo o que se conta das coisas do Além, não só de ser feliz aqui, mas também de fazer um percurso daqui para lá, e novamente

"Por conseguinte, não estará disposto a ter atuação política, se realmente se preocupa com tais questões."
"Precisamente, responde Sócrates. Estará, e muito, na sua própria cidade, mas talvez não na sua pátria, a menos que concorra um acaso divino."
"Compreendo. Referes-te à cidade que edificamos há pouco na nossa exposição, àquela que está fundada só em palavras, pois creio bem que não se encontra em parte alguma da terra."
"Mas talvez haja um modelo no céu, para quem quiser contemplá-la e, contemplando-a, fundar uma para si mesmo. De resto, nada importa que a cidade exista em qualquer lugar, ou venha a existir, porquanto é pelas suas normas, e pelas de mais nenhuma outra, que ele pautará o seu comportamento."
"É natural."

para aqui, não pela aspereza da terra, mas pela lisura do céu.
Era digno de se ver este espetáculo, contava ele, como cada uma das almas escolhia sua vida. Era, realmente, merecedor de piedade, mas também ridículo e surpreendente. Com efeito, a maior parte fazia a sua opção de acordo com os hábitos da vida anterior. Dizia ele que vira a alma que outrora pertencera a Orfeu escolher uma vida de cisne, por ódio à raça das mulheres, porque, devido a ter sofrido a morte às mãos delas, não queria nascer de uma mulher; vira a de Tamiras escolher uma vida de rouxinol; vira também um cisne preferir uma vida humana, e outros animais músicos procederem do mesmo modo. A alma a quem coubera a vigésima vez escolheu a vida de um leão: era a de Ajax Telamônio, que fugia de ser homem, lembrada do julgamento das armas. A seguir a esta, era a de Agamênon. Também ela, por ódio à raça humana, devido ao que padecera, quis mudar para uma vida de águia. A alma de Atalanta, a quem a sorte colocara no meio, ao ver as grandes honrarias de um atleta, não pôde passá-las à frente, e tomou-as para si. Depois dela, viu a alma de Epeio, filho de Panopeu, entrar na natureza de uma mulher perita em trabalhos de artesanato. E à distância, entre as últimas, avistou a alma do bufão Tersites a enfiar-se na forma de um macaco. Depois, a alma de Ulisses, a quem a sorte reservara ser a última de todas, avançou para escolher, mas, lembrada dos anteriores trabalhos, quis descansar da ambição, e andou em volta a procurar, durante muito tempo, a vida de um particular tranqüilo; descobriu-a a custo, jazente em qualquer canto, e desprezada pelos outros; ao vê-la, declarou que faria o mesmo se lhe tivesse cabido o primeiro lugar, e pegou-lhe alegremente. Os restantes animais procediam do mesmo modo, passando para seres humanos ou uns para outros; mudavam, os que injustos, para animais selvagens, os justos para domésticos, e faziam toda espécie de mistura.
Assim que todas as almas escolheram as suas vidas, avançaram, pela ordem da sorte que lhes coubera, para junto de Láquesis. Esta mandava a cada uma o gênio que preferira para guardar a sua vida e fazer cumprir o que escolhera. O gênio conduzia-a primeiro a Cloto, punha-a por baixo da mão dela e do turbilhão do fuso a girar, para ratificar o destino que, depois da tiragem à sorte, escolhera. Depois de tocar no fuso, conduzia-a novamente à trama de Átropos, que tornava irreversível o que fora fiado. Desse lugar, sem se poder voltar para trás, dirigia-se para o trono da Necessidade, passando para o outro lado. Quando as restantes passaram, todas se encaminharam para a planura do Letes, através de um calor e uma sufocação terríveis. De fato, ela era despida de árvores e de plantas.

Quando já entardecia, acamparam junto do rio Ameles, cuja água nenhum vaso pode conservar. Todas são forçadas a beber uma certa quantidade dessa água, mas aquelas a quem a reflexão não salvaguarda bebem mais do que a medida. Enquanto se bebe, esquece-se tudo. Depois que se foram deitar e deu a meia-noite, houve um trovão e um tremor de terra. De repente, as almas partiram dali, cada uma para seu lado, para o alto, a fim de nascerem cintilando como estrelas. Er, porém, foi impedido de beber. Não sabia, contudo, por que caminho nem de que maneira alcançara o corpo,



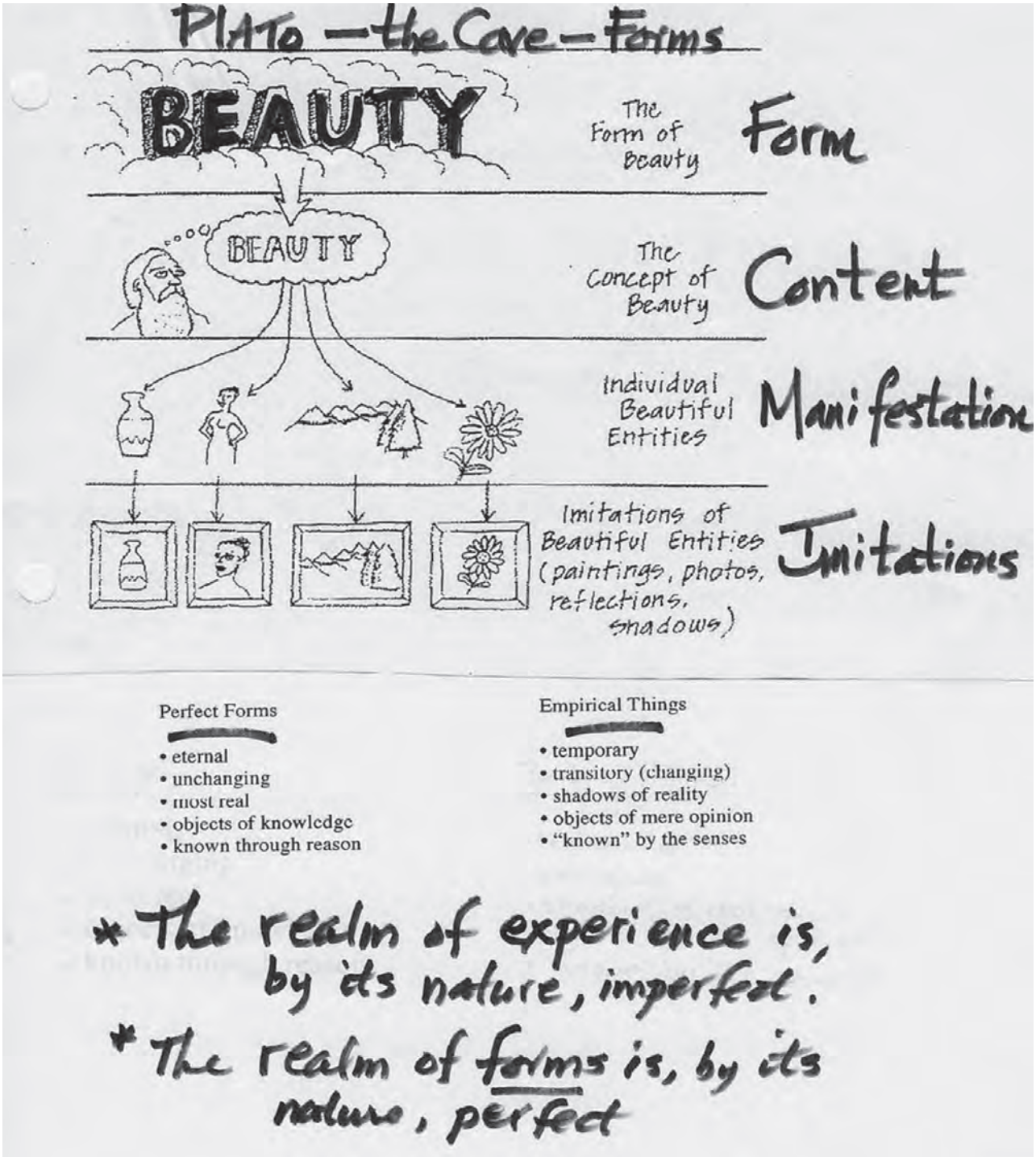
Por toda parte os seres humanos buscam seu caminho. Platão pergunta: "Mas como pode o homem reconhecer e descobrir quem pode fazê-lo capaz e versado para distinguir entre um modo de vida bom ou ruim e fazer sempre e por toda parte a escolha correta entre as inúmeras possibilidades que são oferecidas?" É então que uma escola espiritual pode ser de grande ajuda

crendo que a alma é imortal, e capaz de suportar todos os males e todos os bens, seguiremos sempre o caminho para o alto, e praticaremos por todas as formas a justiça com sabedoria, a fim de sermos caros a nós mesmos e aos deuses, enquanto permanecermos aqui; e, depois de termos ganho os prêmios da justiça, como os vencedores dos jogos que andam em volta de recolher os prêmios da multidão, tanto aqui como na viagem de mil anos que descrevemos, seremos então felizes" ✪

1 Festa pública ou assembléia geral entre os gregos antigos

Paquistão: monumento em Islamabad, visto à noite

mas, erguendo os olhos de súbito, viu, de manhã cedo, que jazia na pira.
Foi assim, Glauco, que a história se salvou e não pereceu. E poderá salvar-nos, se lhe dermos crédito, e fazer-nos passar a salvo o rio do Letes e não poluir a alma. Se acreditarem em mim,



Uma síntese da filosofia de Platão: os arquétipos do mundo original são perfeitos. Nele o amor não é egocêntrico; esse mundo é amor. Nele, a beleza é sempre e em todo lugar instantaneamente visível e perfeita; os pensamentos da alma e do espírito experimentam essa beleza original pois fazem parte dela. Inversamente, nosso mundo, devido à própria essência de sua natureza, é imperfeito. Aqui, a beleza original é misturada com sombras, e o amor é tomado de egoísmo

O SELO DA RENOVAÇÃO A VESTE-DE-LUZ DO NOVO HOMEM

Série Apocalipse
vol. 1

A veste-de-luz do novo homem

J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri

Neste primeiro volume da obra *O apocalipse da nova era*, com o conteúdo integral da primeira Conferência de Renovação de *Aquarius*, realizada em 1963 em Bilthoven, Holanda, os autores expressam com ênfase e extrema clareza a necessidade da purificação da veste-de-luz do ser humano como condição prévia para ele poder trilhar a senda transfigurística do retorno ao mundo divino.

1ª edição abril 2009
96 páginas R$ 24,00
ISBN: 978-85-88950-48-1

O selo da renovação

Catharose de Petri

Com base em trechos do Evangelho de João, Catharose de Petri explica os diversos aspectos da estrutura de uma escola espiritual gnóstica a serviço da Fraternidade da Luz, a Fraternidade de Cristo.

Editora Lectorium Rosicrucianum
Caixa Postal 39 – 13.240-000 – Jarinu – SP – Brasil
Tel. (11) 3061.0904 – (11) 4016.1817 – fax (11) 4016.5638
www.editoralrc.com.br – info@editoralrc.com.br

2ª edição - novembro 2008
104 páginas R$ 24,00
ISBN: 978-85-88950-50-4

A CIDADE DO CÉU

"Sócrates: Agora, quanto às honrarias, tendo em vista os mesmos princípios, receberá e saboreará de bom grado umas, aquelas que entender que o tornam melhor; mas das que tiverem um efeito dissolvente sobre o estado da sua alma, fugirá delas em particular e em público.

Glauco: Por conseguinte, não estará disposto a ter atuação política, se realmente se preocupa com tais questões.

Sócrates: [...] Estará, e muito, na sua própria cidade, mas talvez não na sua pátria, a menos que concorra um acaso divino.

Glauco: Compreendo. Referes-te à cidade que edificamos há pouco na nossa exposição, àquela que está fundada só em palavras, pois creio bem que não se encontra em parte alguma da terra.

Sócrates: Mas talvez haja um modelo no céu, para quem quiser contemplá-la e, contemplando-a, fundar uma para si mesmo. De resto, nada importa que a cidade exista em qualquer lugar, ou venha a existir, porquanto é pelas suas normas, e pelas de mais nenhuma outra, que ele pautará o seu comportamento.

Glauco: É natural."

Platão. *A República,* livro IX. São Paulo, Martin Claret, 2001

ISSN 1677-2253
R$ 12,00
9 771677 225003